

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO VI

Rio de Janeiro, 10 de Março de 1919

Nº 66

Grupo mantenedor: B. Klinger, Pompeu Cavalcanti, Pantaleão Pessoa, (redactores); Lima e Silva, Euclides Figueiredo, Souza Reis, J. Franco Ferreira, Parga Rodrigues, J. Ramalho, Leitão de Carvalho, Maciel da Costa, Newton Cavalcanti, Daltro Filho.

SUMMARIO

PARTE EDITORIAL

A incorporação interminável. A duração do serviço militar obrigatório. A selecção pelas armas. Gradações no serviço de um anno. O schema de uma taxa fixa para este imposto não consulta ás nossas necessidades. — Solemnidades militares. — Nova Guarda Nacional.

PARTE JORNALISTICA

Commando de tropa em gabinete.
Escola Preparatoria.....
Curso de E. M. para Generalato..
O official de subsistencias.....
O regulamento de equitação.....
Palestra sobre a defeza de costas.
Sitio e corrector.....
Projectil sem ricochete.....
Instrucções para o serviço dos canhões Krupp. 190 c/45 T. R.....
Nomenclatura do obuz de campanha Krupp 105 C. 14 T. R.....
Exercícios á noite.....

Cap. Lima e Silva
1º Tte Furtado Sobrinho
Cap. A. Alencastre
Traducção
Lima Mendes e E. Figueiredo
Major Abrilino P. Bandeira
Cap. Constantino Martins
Cap. Parga Rodrigues

1º Tte Francisco J. Pinto

1ª Secção do E. M.
Capitão A. A. Villanova

ASSUMPTOS NAVAES:

Formulação de ordens.....
A physionomia da tactica.....

Cap. de Corveta F. Villar
Cap. de Corveta R. Tavares

NOTICIARIO

Regulamentos — Corpos da 2ª linha — Publicações recebidas —
A disciplina — Explosivos — Memorandum — Annuncio.

Bibliotheca da A "DEFEZA NACIONAL"

1) Collecções da revista (excepto annos I e II) encadernadas . . .	16\$000
Collecções da revista (excepto anno I e II) avulsos	12\$000
Existem exemplares de alguns numeros dos annos I e II . .	
Numero avulso, qualquer	1\$000
2) Cartas para o ensino da tactica, Griepenkerl, traducção do	
1º Tenente J. Maciel da Costa, encadernado	13\$000
O mesmo, em fasciculos avulsos	8\$000
Só os 5 mappas	2\$000
Só os 4 da escala 1:25.000, papel inferior, para se traba-	
lhar a lapis e borracha	1\$000
As duas collecções de mappas (5 + 4).	2\$500
3) Guia para o ensino da pontaria, von Byern, traducção de Souza	
Reis e Maciel da Costa	1\$000
4) Quadros muraes de noções de tiro, Major Vidal, Capitão Klin-	
ger e 1º Tenente Maciel da Costa	5\$000
Cinco folhas de 96 x 66 cm., pelo Correio	6\$000
5) Curso de tiro, Rohne, traducção de Leitão de Carvalho e Ma-	
ciel da Costa (em andamento, metade publicado)	5\$000
6) Projecto de regulamento de equitação (em andamento)	4\$000

Recommendamos tambem e aceitamos encommendas:

A Pontaria Indirecta do nosso 75, pelo Capitão Klinger (edição da	
Bibliotheca do 4º R. A.)	1\$200
O Combate, traducção do Capitão Klinger	2\$500
Manual de Lehnert, pelos Major P. Pires, Capitão Klinger e 1º Te-	
nente Cidade, edição da "Revista dos Militares"	9\$000
Manual do artilheiro, 2º volume, Capitão Klinger, em dia com to-	
das as alterações do regulamento da arma	2\$000

Tambem aceitamos encommendas das publicações á venda no D. C.
Idem da these de concurso do Capitão Pargas Rodrigues "Caracte-
rísticos dos morteiros e obuzes, evolução no material e consequentes van-
tagens." (4\$000)

Idem das publicações do "Curso de Aperfeiçoamento da Infantaria".

Pedidos pelo Correio accrescentar o porte.

Só podemos attender ás encommendas de **pagamento adiantado**.
Não esquecer o porte.

Rio de Janeiro, Caixa 1602.

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BERTHOLDO KLINGER, POMPEU CAVALCANTI e PANTALEÃO PESSOA

N.º 66

Rio de Janeiro, 10 de Março de 1919

Anno VI

PARTE EDITORIAL

A incorporação interminável. A duração do serviço militar obrigatorio. A selecção por armas. Gradações no serviço de umanno. O schema de uma taxa fixa para este imposto não consulta ás nossas necessidades.

MAIS de uma vez e por mais de uma autoridade tem sido posta em foco a imperfeição da nossa solução schematica da duração de um anno para o serviço militar nas tropas a pé, e dois annos para as tropas montadas (esta ainda não applicada desde a vigencia do sorteio). Por todos os lados têm sido illuminados os vícios decorrentes; com o favor de situações de momento que lembravam mais ao vivo o interesse de haver tropa nas casernas tem-se solicitado ou ordenado medidas verdadeiramente inefficazes que, não devendo ser levadas á conta de inopia ou desconhecimento, revelam assombrosa indiferença ou injustificavel preterição.

E completando a conspiração das más circumstancias preseveramos em desmoralisar a instituição pela inqualificavel frouxidão, dos interminaveis adiamentos do prazo para apresentação dos sorteados.

Tem-se a sensação de que toda a gente está convencida de ser o sorteio um objectivo; posto a limpo o numero de ordem que a sorte designa a cada alistado da classe está attingido o que se tinha em vista, está prompta a defesa nacional. Não se adverte que o sorteio é apenas um expediente, é um processo para se garantir a incorporação compulsoria do contingente novo, em epoca certa, afim de que possa começar certo, parelho, regular, o curso annual da preparação militar.

Não chegando a isso nada temos feito, esta-

mos ainda no tempo em que os recrutas pingam na caserna, como por favor, durante o anno todo, a seu belprazer.

Que importa para as necessidades da instrução e para o necessario e consequente bom humor do instructor, que os instruendos provenham do voluntariado ou do sorteio? O que lhe importa, e elle embora queira não póde dispensar, é que todos os matriculandos de sua escola se lhe apresentem ao mesmo tempo, ou pelo menos num curto prazo, de modo que ao iniciar o curso estejam presentes todos que devam frequental-o. Se, porém, as matriculas continuam sendo á mercê do gosto dos alumnos (ou de seus paes...) **de que valen então o sorteio,** o processo de designar duma vez todos os que devem frequentar tal curso?!

Esta anarchia na incorporação não chega felizmente a se transmittir ao anno seguinte, graças á providencia acertada de se fazer abstracção dessa dilatada origem de contagem e dar por encerrado o anno de serviço com o anno de instrucção. Não fosse assim até a fixação do novo contingente ficaria anarchisada.

Dessa interminavel incorporação resulta incontestavelmente uma desuniformidade sensivel no valor militar dos reservistas assim formados, em consequencia da desigual duração do ensino que receberam; ou esse ensino é graduado pelos mais tardos na incorporação e neste caso a instrucção para os que se apresentam mais cedo é apenas levada a titulo de hygiene, um perfeito *encher tempo*, ou ainda se é forçado á conclusão — se se nega que a dita e maldita anarchia cause taes males — de que o tempo de serviço é excessivo, deve ser reduzido, a incorporação deve ser marcada para muito mais tarde.

Esta conclusão assim geral todos repellem em absoluto; mesmo porém que fosse acceita uma redução do tempo de serviço, embóra apenas em circumstancias excepcionaes de aptidão especial do recruta, todos reconhecem, reclamam que é preciso **acabar com a anarchia na incorporação.**

*

* *

O serviço militar de um anno, subentendendo a incorporação uma vez por anno, tem o gravissimo defeito de produzir um largo periodo de crise na tropa, entre o licenciamento de um contingente e o fim do 1.º periodo de instrução do contingente seguinte. Porque só no fim desse periodo é que os recrutas valem por soldados. E o licenciamento abrangendo os graduados e sargentos que não queiram ou não possam continuar resulta um outro mal gravissimo que é o da deficiencia de monitores de instrução, precisamente no periodo do ensino individual, que é quando mais falta fazem, pois o ideal seria haver nessa epoca um mestre para cada aprendiz.

Especialmente nas armas montadas o remedio que então ocorre expontaneamente é o do serviço de dois annos, continuando, é claro, a incorporação annua. E' uma solução simples e commoda, mas examinando-se melhor é preciso reconhecer que este schema não nos convem agora e por muitos annos.

Basta ver que o effeito seria reduzir á metade o rendimento em reservistas. E isso é o que nós não podemos admittir porque o nosso exercito activo é pequenissimo e porque não temos reservas.

Para estas armas se impõe uma medida subsidiaria que préviamente garanta a possibilidade de, num anno de instrução, se ensinar ao recruta, além do mais, a equitação: é a selecção do recruta entre os que na vida civil já lidavam com o cavallo, e o que é mais, que provavelmente como reservistas tenham ensejo de não esquecer a arte de utilisar o cavallo.

E' singular que não tenhamos ainda querido resolver a importante questão da selecção dos recrutas para as armas. Todas se queixam, menos a infantaria, e geralmente contra ella. Se num caso de levantamento em massa é assim que pretendemos distribuir os homens, sem levar em conta suas aptidões para tantas especialidades, fatalmente havemos de soffrer o castigo de tamanha inhabilidade. Cuidemos desde já da necessaria selecção; deixemos de armas preferidas. Do contrario, no d'a de agir, o descuido havido contra umas será vingado contra todas. Só devemos ter uma predilecção: é pelo exercito em conjunto.

* * *

Em resumo, as necessidades a conciliar vêm a ser:

a) maximo **rendimento em reservistas**;
b) **evitar a eclipse total do valor real da tropa** no periodo que vae do licenciamento de um contingente ao exame de recrutas do seguinte;

c) **assegurar o estado completo de monitores** de instrução pelo menos durante o primeiro periodo annuo.

E' evidente que nenhum schema rigido poderá attender a estes tres aspectos do problema, por igual importantissimos.

Este só pode ser convenientemente resolvido por um systema harmonico, expressivo, nada arbitrario, de medidas, que se traduzirão em gradações do serviço de um anno.

O grosso do contingente annual ficará prompto, reservista, ao cabo de um **anno de instrução**. Este anno, como os annos lectivos de quaesquer outros estabelecimentos de ensino de qualquer categoria, não dura os doze mezes, mas apenas nove ou dez, conforme a data das manobras — especie de exames finaes — que não é uma unica para todas as regiões.

Desta differença resulta uma pequena economia, pois o orçamento conta com os doze mezes de despeza para cada homem, e esta margem permite, *sem augmento de despeza e sem redução do novo contingente* conservar nas fileiras depois do anno de instrução e pelo menos até ao fim do primeiro periodo do anno seguinte um certo numero de graduados e praças, que attendam ás necessidades b) e c).

Ao E. M. E. cumpriria fixar o limite desses *engajamentos* que seriam de *quatro mezes* (total do tempo de serviço: 16 mezes), de modo a ser attendido o effectivo completo de monitores (sargentos e graduados), mesmo com praças simples, mais aquellas praças indispensaveis aos serviços permanentes que recrutas *não devem e não podem* prestar.

Estes engajados especiaes deverão por espirito de justiça gozar de uma certa compensação pecuniaria, a consignar no orçamento caso se verifique não ser possivel fazê-la com a já referida economia. E seriam escolhidos primeiramente pelos que quizessem ficar e, na insufficiencia desse voluntariado, por um novo sorteio de todos os «primeiros annistas» do corpo.

E' preciso notar que este curto engajamento não é nenhuma novidade revolucionaria, é uma idéa intimamente apparentada com um preceito do Regulamento de Voluntariado e Sorteio, que autorisa o Governo a retardar, por tres mezes o licenciamento até de todo o contingente, em caso de necessidade.

E poderá haver necessidade mais innegavel que as que alinhámos em b) e c)?

O licenciamento escalonado como se applicou este anno não resolve a difficuldade e tem o grave inconveniente de produzir natural desgosto entre os homens de *tempo acabado*; o que seria explicavel e se imporia á acceitação seria um escalonamento apenas dictado pela necessi-

dade de attender á capacidade dos meios de transporte.

*

O aspecto do problema expresso no primeiro termo da equação — aceleração no constituirmos a reserva — demanda a procura de outra raiz, a traduzir em outra modalidade na duração do serviço.

E' sabido pelos officiaes de tropa que entre os voluntarios e sorteados se encontram homens que pelo seu desenvolvimento podem ser bem preparados num tempo menor que o da duração normal dos periodos de instrucção, marcada no R. I. S. G. mórmente se fõrem separados dos mediocres e obtusos e levados especialmente para a frente, tanto quanto possam adiantar-se.

O mesmo Regulamento do Voluntariado e Sorteio nos dá uma indicação sobre qual seja esse tempo reduzido capaz de bastar ao preparo militar de elementos selectos: **quatro mezes**. O art. 35 estabelece para esses voluntarios de quatro mezes, que elle limita em cinco por bateria, esquadrão ou companhia, certas condições a satisfazer préviamente.

Poder-se-iam abrandar estas condições e franquear a candidatura ao serviço de quatro mezes a todos os recrutats que nas duas semanas primeiras de instrucção revelassem a aptidão necessaria para gozarem dessa redução. E' certo que isso augmentaria de muito o voluntariado entre os melhores elementos.

Pensamos que esta medida poderia ser applicada sem a minima duvida de bom exito na infantaria; sabemos de illustre general que admite mesmo sua applicabilidade para a cavallaria, no Rio Grande do Sul. Nas outras armas não é cabivel nenhuma redução abaixo do anno completo de instrucção (nove ou dez mezes).

Semelhante redução, sobre ser um dictame da efficiencia dos methodos de trabalho na caserna, nos levaria ao fim visado de produzir maior numero de reservistas, porque em compensação poderia ser desde logo augmentado o contingente annual, de uma certa quota excedente ao contingente orçado.

Feita a indicação pelos commandantes de companhia dos homens capazes de darem reservistas em 4 mezes, perfazendo cem por batalhão, seriam todos elles então incluídos numa das companhias — cujos recrutats não selectos passariam para as outras. Nessa companhia seriam elles então submittidos á preparação conveniente durante mais nove semanas de 1º periodo, e mais seis semanas de periodo de companhia. Com os dias de exames ficariam completas 18 semanas, isto é, 4 mezes. A reincorporação obrigatoria desses homens

por um mez no periodo de manobras do mesmo anno, completaria o seu valor real.

Estes cem homens por batalhão que só consomem cinco dozeavos do que para elles foi orçado permittem augmentar o contingente a incorporar de sessenta homens por batalhão (sete doze avos de cem).

Quanto á companhia que serviu de escola a esses reservistas, ella terá férias até ao fim do periodo de companhia nas outras unidades (cerca de duas semanas); em seguida ella receberá soldados das outras companhias, um terço do batalhão, para proseguir o anno de instrucção.

Não se pode applicar este serviço de quatro mezes nas companhias de metralhadoras, porque ellas não dispõem de elemento instructor para uma escola extraordinaria.

Recapitulando as nossas considerações vemos que o nosso problema do serviço militar vae mal encaminhado, demanda que sem perda de tempo se ache um meio decisivo de regular o inicio do anno de instrucção, assegurando que se completam as fileiras no devido praso, e estabelecer as gradações racionais na duração do serviço: *quatro mezes, um anno de instrucção, dezeseis mezes*.

O trabalho augmentará mas o resultado tambem augmentará n'uma proporção bem compensadora.

Solemidades Militares Augmenta, felizmente, dia a dia, a convicção de que o culto prestado á Patria não pode ser reduzido aos intimos sentimentos e que todo bom cidadão deve, para dar exemplo, manifestar publicamente, exteriorisar nos seus diversos actos, o seu civismo, ensinando aos menos instruidos e ás novas gerações a justiça com que se reverencia a synthese de todos os esforços, sacrificios, sonhos e riquezas de uma nacionalidade.

Nas instituições militares o rito é o mais completo.

Em cada farda, em cada arma, em cada som, em cada ordem, em cada formação, em cada gesto em cada idéa, a Patria é a causa inicial, em tudo resplandece, tudo estimula, justifica, consola, compensa, incita e exige.

Nas solemidades militares intelligentemente dirigidas e opportunamente executadas, essas circumstancias se destacam, essas verdades se accentuam, esses sentimentos se materialisam e todos vibram, todos comprehendem, todos contribuem com um acto ou uma palavra para que a Patria seja celebrada com a maior liberalidade.

Por algum tempo esquecemos o dever que para nós representam essas solennidades e, numa lamentavel falta de composura, incompativel com a bõa educação militar, o *juramento da bandeira* descambava para uma triste leitura da formula regulamentar, feita no isolamento de uma casa de ordem, como a despedida do regimento se resumia numa communicação feita pelo 1º sargento, após a qual o soldado *diminuia* suas insignias para ter o goso de demonstrar seu novo estado por diversos actos que até então lhe eram prohibidos.

Hoje a incorporação e licenciamento de voluntarios ou sorteados já é feita em quasi todas as unidades com o caracter solemne que o caso requer, o compromisso do soldado é por elle entendido e o seu licenciamento não se faz sem que uma palavra amiga lhe agradeça o seu esforço, realce o seu procedimento e lhe peça na sua vida de cidadão actos que possam ser integrados para o engrandecimento da Patria.

Estas considerações foram provocadas pelo bello discurso com que o nosso intelligente camarada Capitão José Alberto de Mello Portella fez a despedida dos conscriptos de 1918 no 57º B. C. e do qual destacamos os seguintes periodos:

"Aos que acreditam que podem ser patriotas, esquivando-se ao dever a que acabaes de dar cumprimento, porque se julgam capazes de morrer pelo Brazil na hora de perigo, a esses já respondeu, em memoravel discurso, o illustre presidente do Estado de São Paulo, quando affirmou que, ainda que todos saibam morrer pela Patria, só o soldado alcança fixar a victoria; e o que é preciso é vencer!"

"E' necessario que, sahindo daqui, mediteis constantemente as lições recebidas; que aproveiteis todas as occasiões que se vos deparem de consolidar e ampliar os vossos conhecimentos marciais; que vos não desprendaes dos habitos de gymnastica e hygiene que enrijam o corpo e conduzem á realizção do rudimentar dever do homem, de ser bom animal; que pratiqueis assiduamente os sports de tiro; que encareis com satisfação a possibilidade de, como reservistas, serdes convocados, por alguns dias, em periodo de manobras, para que se consolide no vosso espirito a instrução por que tanto se esmeraram o vosso commandante e os vossos instructores e, assim, possaes ser elementos mais extensamente conscientes da força do Brazil."

"Os deveres para com a nação, entretanto, não podem nunca entrar nas cogitações de quem os não tem para os que lhes são proximos. Elevae, assim, bem alto a dignidade individual; reverenciae e protegei aos vossos paes, aos vossos irmãos, ás vossas familias; alimentae o espirito de sympathia, de solidariedade e de justiça; e, por essa fórma, os vossos sentimentos se engrandecerão, e não arrefecerá jamais o mais alto de

todos — o amor da patria — de que vindes de dar provas, jovens sorteados, cumprindo esforçadamente vosso tirocinio de instrução militar, preparando-vos para, em qualquer emergencia, sêdes dignos da terra brasileira, a que, na phrase de um luminoso espirito, "estaes ligados por tudo que vos precede e por tudo que vos ha de seguir, por aquillo que vos creou e por aquillo que vós creaes, pelo passado e pelo futuro, pela immobibilidade dos tumulos e pelo baloiçar dos berços."

"Regressae aos vossos lares disseminando o espirito de disciplina que faz a força das nações, como dos exercitos.

Fugi de vos constituirdes elemento de perturbação na sociedade; tende sempre em face "*que a essencia da civilização é a lei; que a anarchia é simplesmente auxiliar e precursora da tyrannia e do despotismo*"; e que a lei e a ordem, reforçadas pela justiça e pela força, são as bases da civilização"; e que, jurando defender a bandeira, jurastes proteger a Ordem e o Progresso."

* * *

Nos institutos de educação militar e na proporção do seu grão de adiantamento, essas solennidades deviam ser realizadas com a maior pompa, de modo a perdurarem no espirito dos elementos discentes.

Infelizmente não é isso que tem acontecido e, em vez de partirem desses institutos para a tropa o exemplo e os processos mais convenientes para educar atravez das solennidades, o inverso é que se vae observando nos actos excepcionaes a que agora se está procurando dar realce.

Até hoje o aspirante só recebe sua espada do sirgheiro. O anel sim, esse sempre foi entregue com grande ceremonial, precedendo a um discurso sobre philosophia que quasi fazia dormir a assistencia e, não raro, era respondido, nos tempos em que elle constituia o maior sonho dos pseudo-militares, por um dos bacharelados que envergava o dolman, talvez emprestado, que já lhe servira para o classico retrato e que, com uma incommoda espada á cinta, fechava a sua existencia de estudante militar, com uma observação sobre as mais reputadas classificações das sciencias.

E' que o anel era a verdadeira alavanca com que ia operar ao passo que a espada era apenas um grosseiro enfeite de uso obrigatorio para não fazer perder as delicias do fim do mez; ás vezes nem para isso.

Ainda bem que quasi podemos considerar esses tempos passados, não só porque os anneis hoje já são fracas e dubias alavancas, como tambem porque as bases do ensino os proscreveram de vez da Escola Militar, onde a espada tem que ser o ma-

ximo objectivo do alumno e naturalmente passará a ser recebida com as despedidas da escola na mais solemne das festas.

O anel si o quizerem usar os technicos será entregue no momento em que elles possam assumir o compromisso de iniciar novo processo de cooperação para a defesa nacional.

Inspecção de saude para matricula na Escola Militar

No n. 53, de Fevereiro de 1918, pg. 136, «A defeza Nacional» pediu attenção para as condições physicas dos candidatos á matricula na E. Militar. Das considerações a proposito feitas, destacamos as seguintes:

«A portaria de 16 de Outubro de 1915 e o Aviso n. 777 de 19 de Julho de 1916, mostram que o referido problema foi bem estudado e previstas fóram as consequências do recrutamento das praças ou alumnos sem a necessaria robustez physica. O art. 27 da citada portaria nas suas alíneas a, b e c abrange satisfactoriamente a questão determinando ás juntas de saude que, alem das instrucções de 2 de Agosto de 1900, attendam ás circumstancias especiaes que cercam o candidato á matricula na Escola Militar quer, quanto á superactividade physica e cerebral que lhe é exigida, quer quanto á influencia dos soffrimentos physicos sobre a força moral indispensavel ao official, quer quanto ao onus que quadros doentes trazem para a Nação, sobrecarregando os cofres publicos antes de terem prestado serviços compensadores. E, não satisfeita com essas considerações bem sufficientes para excitar a probidade profissional, a mesma portaria no art. 28, recommenda ás juntas, grande severidade nas inspecções, verificando com o maior cuidado a integridade dos órgãos principaes, etc., etc.»

E' simplesmente lamentavel que saibamos escrever tão bem as prescripções relativas a esse importante assumpto e que nos contentemos só com isso, desprezando a sua applicação, desistindo de colher os resultados que as determinaram.

A esta conclusão somos levados pelo patriotico e inspirado apello de um alumno da Escola Militar, moço que se revela nessa preocupação, um character digno, um espirito recto, um elemento de valor para o Exercito.

Em carta elle nos relata casos que já tiveram seu epilogo no Hospital Central e

onde a bondade para com um ou outro moço, victima de sua má sorte, compromettia num pernicioso contacto a saude de centenas de moços, compromettia centenas de esperanças!

Casos em que o reduzido da estatura attrahe o ridiculo sobre o uniforme, casos de uma debilidade physica incompativel com a funcção militar, outros de moços que só podem permanecer na escola á custa de dispensas de exercicios praticos e da compaixão que causam a collegas e professores, tudo isso impressiona o nosso joven camarada que para nós apella pensando que tenhamos esquecido essa importante questão ou recuado ante essa fonte de antipathias.

«Não posso comprehender a compulsoria, diz o missivista, quando recrutamos para a Escola Militar moços com um physico muito inferior ao de muitos officiaes que vão sendo afastados do Exercito porque já não resistem ás exigencias dos seus postos.»

«Penso que só podemos ter homens de iniciativa, capacidade de trabalho, intelligencia, officiaes capazes de honrar o Exercito, escolhendo-os entre jovens que tenham como primordial qualidade—a saude — e não entre typos deformados, atrophiados, syphiliticos, com evidentes symptomas de degenerescencia, espiritos vencidos, mas sufficientemente lucidos para accusar amanhã áquelles que lhes permitiram adoptar uma carreira incompativel com a sua saude e onde só podem constituir um peso morto.»

«Apellem os Snrs. para as altas autoridades, pois estou certo que a justiça da causa que me inquieta saberá abalar o patriotismo dellas e, já neste anno, haverá selecção quanto ao physico dos candidatos, o que será um grande e incontestavel serviço prestado ao Exercito e á Nação.»

«Não supponho mal dos responsaveis por isso, mas me parece que ha uma especie de esquecimento em harmonia com a tolerancia tão propria do coração brasileiro, principalmente quando se trata de serviços publicos.»

Esses brados não parecem partir de um joven estudante e sim de um veterano observador dos nossos males.

A missão militar que vem nos instruir

constatará, com certeza, a existencia de uma boa porcentagem de officiaes, alguns bem intelligentes, que não poderão arcar com as exigencias dos exercicios physicos indispensaveis.

Mas ahi estão os avisos e portarias reguladores do assumpto mostrando que sabemos como se deve fazer a selecção physica dos candidatos á matricula, assim como ahi estão regulamentos de gymnastica que tambem demonstram haver aqui quem saiba que o physico deve ser cultivado.

O cultivo do physico já se vae tornando usual si bem que voluntario, mas a selecção, essa tem sido uma terrivel barreira contra qual já se quebraram energias valiosas... mas insufficientes.

Entretanto, confie o nosso missivista, porque marchamos em direcção ao seu sonho e a quota com que pesarão os reformados no erario publico fará pensar em tudo isso, quando o devido trabalho physico, regulamentar para todos os officiaes do Exercito, deixar de ser letra morta.

Nova Guarda Nacional Sob este titulo tratamos no n.º 59 desta revista da organização da missão medica que acaba de ser extinta após não poucas decepções.

Hoje duas observações nos occorrem. A primeira se refere á moderna impropriedade da comparação, pois a nova Guarda Nacional, si continuarem a respeitá-la e estimá-la os seus organisadores e chefes, si não mudar a orientação e a seriedade com que iniciaram a sua remodelação, constituirá uma instituição por todos os motivos digna de respeito e admiração publicas.

Nos exames realizados na Escola Tactica e de Tiro da Guarda Nacional da Capital Federal, elementos competentes declararam que os officiaes de 2.ª linha A, B, C, etc., estavam em condições de servirem na reserva do exercito de 1.ª linha. Esse elogio commedido exprime perfeitamente o capricho e patriotismo dos elementos que estão sendo seleccionados para formar a 2.ª linha.

Vê-se assim que temos a alegria de constatar que de Agosto a esta parte a Guarda Nacional se transforma em moldes que não mais permittem, com justiça, servir o seu nome para designar uma organização onde a anarchia exista desde os mais elementares fundamentos.

A segunda observação que hoje nos occorre e que nos torna pezarosos por não termos podido contribuir para evitá-la, é que os factos se encarregaram de demonstrar, um a um, os periodos que naquella data escrevemos a proposito da organização da missão medica.

Da sua defeituosa organização diz-nos a imprensa, demonstram-nos depoimentos de elementos que assistiram á sua decomposição, desde a fantastica viagem onde não houve nem recursos, nem ordem, nem respeito, nem humanidade até a apparencia por vezes injusta, dada ao es-

forço e sacrificio de diversos elementos competentes, patriotas e dignos que andaram servindo e lutando fóra de Paris ou mesmo ahi.

Estes foram tomados de roldão com a massa dos cavadores e, por isso, sacrificados na sua reputação pelo julgamento que hoje se faz do conjunto da missão medica.

Não desejamos que se termine essa triste prova da nossa incapacidade sem que venha á luz qualquer acto de justiça que separe o joio do trigo, que realce a verdade.

Ahi está escancarado, immensamente aberto, absolutamente vasio, o nosso quadro de medicos da reserva de 1.ª linha.

Para ella deviam ter sido nomeados antes de se organizar a tal missão medica, os elementos bons e necessarios para completar a organização da verdadeira missão medica militar que devia seguir para a Europa em serviço da causa dos alliados.

Com medicos do exercito de 1.ª linha e de sua reserva, onde haveria ordem, experiencia, noção de responsabilidade militar e não simples prestigio politico teriamos evitado a participação numa comedia em que nos apresentamos como principes russos.

Mas, o caso é passado e convem que se o aproveite como lição para o futuro e se faça a justiça possivel.

Alguns dos medicos commissionados mostraram-se na altura dos seus postos e levaram o seu escrupulo até o terreno do protesto; trabalharam em diversos hospitaes respeitando a sua Patria e chamando para ella a atenção dos seus collegas de outras nacionalidades. A estes e sómente a estes, após um inquerito bem orientado, poderíamos recrutar para o quadro de saude da reserva, attendidas as principaes exigencias do seu recrutamento normal.

Seria, como dissemos, uma justa recompensa pelo prejuizo que os elementos bons soffreram com o descredito da missão. O Estado lucraria um contingente selecto para a referida reserva, arredondando o ganho tão caro de ter ficado sabendo como... não devem ser constituídas semelhantes missões.

COMMANDO DE TROPA EM GABINETE

5º problema (continuação do 4º) traduzido de um livro de v. Altmann por E. de Lima e Silva, capitão de artilharia. Para o estudo ver o croquis junto, os que estão na Defeza ns. 61 e 64 e a carta geral de Metz e terrenos adjacentes, escala 1:100.000, que acompanha traducção brasileira do Griepenkerl.

Uma divisão avançada para fazer a segurança de uma linha fluvial deve ser substituida afim de seguir o exercito como cobertura de flanco, á distancia de um dia de marcha, escalonada á direita. Disposições preparatorias.

Na noite de 11. 6. o quartel general do exercito azul em Saarbrücken⁽¹⁾ recebeu participações de que forças inimigas de todas as armas haviam nesse dia transposto a linha Nancy—Luné-

(1) V. Croquis na Defeza. n. 61.

ville—Raon l'Etape do rio Meurthe, em direcção nordeste. O commando em chefe do exercito azul resolveu avançar contra este inimigo.

A ala direita do exercito deve marchar por Busendorf—Bolchen e atingir Waibelskirchen na tarde de 12. 6.

A 5. D. I. recebe ordem de continuar em sua observação no Mosel até que ali chegue no dia 12. 6. às 12 horas a 1. Brigada de Landwehr⁽²⁾ que já partio de Merzig, via Waldwiese—Kerlingen. A divisão deve a 13. 6. seguir a ala direita do exercito, na direcção sul, a um dia de marcha e escalonada á direita para a retaguarda.

Os esquadrões de exploração da 5. D. I. que se acham em Fentsch e Buss, 3. e 2./6. R. C., participam na noite de 11. 6. que em suas frentes respectivas a situação do inimigo não se modificou.

SOLUÇÃO

a) Apreciação da situação da 5. D. I.

Como preparativo da marcha para o sul a realizar-se no dia 13, a divisão deve deslocar na véspera uma parte de suas tropas nesta direcção afim de diminuir a fadiga de marcha do dia seguinte.

Esta medida refere-se especialmente ás fracções da divisão que se acham entre Sierck e Niederham, as quaes têm que estacionar mais ao sul, além disto porque não podem permanecer na zona da brigada de landwehr. Em compensação todas as tropas estacionadas em Diedenhofen e arredores podem ficar em seus acantonamentos no dia 12, sem que dahi lhes resulte grande fadiga na marcha do dia 13. Os objectivos de marcha só poderão ser designados no dia 12 á noite, depois que chegarem notícias do exercito e participações da cavallaria de exploração relativas á attitude do inimigo.

Resolução.—A 9. Br. I. com as tropas que lhe foram annexadas para effeito de estacionamento, fica em Diedenhofen, Ober Jeutz, Nieder Jeutz e circumvisinhanças. A 10. Br. I. com 1/2 1./6. R. C. e o 18. R. A. aloja-se no dia 12. 6., á tarde, em Walmesdorf, Elsing, Stücken, Dörsdorf, Inglingen, Wölsdorf, Metzerville, Büdingen. A 1. Comp. Eng. com o trem de pontes divisionario e comps. de saude devem acantonar em Künzig. Os meios esquadrões de ambas as brigadas devem ser mandados para os locais de estacionamento que ficam mais ao sul. O 3./6. R. C. marcha de Fentsch para Bussingen e faz o serviço de exploração a oeste do Mosel. As col. mun. e comboios estacionados em Waldwiese, Reimlingen, Halsdorf devem evacuar estas localidades, para que não seja perturbada a marcha da brigada de landwehr, assim como ficar promptos para a marcha de 13. 6.

b) 5. D. I. Quartel General da Divisão em Diedenhofen, 11. 6. ás 21⁰⁰

Ordem á Divisão para 12. 6.

1. Tropas inimigas transpuzeram hoje (11. 6.) a linha Nancy (ala esquerda)—Lunéville—Raon l'Etape avançando em direcção nordeste.

(2) A landwehr divide-se em duas classes: a primeira, composta dos homens que acabaram o seu tempo no exercito activo e na reserva, concorre para a formação das tropas chamadas de reserva de campanha, organisadas como as do

2. O Exercito amanhã (12. 6.) avança para o sul com a ala direita por Busendorf, Bolchen, para Waibelskirchen.

3. A 5. D. I. amanhã ao meio dia será rendida no Mosel pela 1. Br. Landwehr e a 13. 6. seguirá a ala direita do Exercito.

4. Amanhã á tarde, logo após a chegada da 1. Br. Landwehr, que vem por Waldwiese, Kerlingen, a 10. Br. I. com 1/2 1./6. R. C. e o 18. R. A. vai acantonar em Walmesdorf, Elsing, Stücken, Dörsdorf, Inglingen, Wölsdorf, Metzerville, Büdingen. A 1. Comp. Eng. com o trem de pontes divisionario, 1. e 2. Comps. de Saude irão para Künzig.

5. O 3./6. R. C. (Fentsch) acantona em Bussingen a 12. 6. e constata a permanencia do inimigo annuciado em Etain. O 2./6. R. C. (Buss) continua a exploração a oeste do Mosel e observa principalmente as estradas que conduzem de Verdun a Metz. Cada 1/2 1./6. R. C. deve ser pela respectiva Br. I. mandado acantonar na localidade que ficar mais ao sul, das que lhe foram designadas, e empregado na exploração a leste do Mosel.

6. As restantes fracções da Divisão continuam em seus acantonamentos actuaes.

7. As col. mun. e comboios devem evacuar seus acantonamentos até 5 horas, e estacionar em Weckingen, Monneren, St. Franz, Kemplich.

Copias dactilographicas aos recebedores de T. general edte. da 5. D. I.
ordem das trez brigadas, 1. 2. 3./6. R. C., 1.
Comp. Eng. com o trem de pont. div. 1. e 2.
Comps. Saude. Telegramma em resumo a 1.
Br. Landwehr e Col. Mun. e Comboios.

v. K.

Major do Estado M ior.

c) Comunicação da 5. D. I. á 1. Br. Landwehr em Merzig

Foram constatadas tropas inimigas em Etain. Forças inimigas marcham de Nancy—Lunéville—Raon l'Etape direcção nordeste. Após chegada Br. Landwehr 12. 6. meio dia 5. D. I. desloca sua zona acantonamento para o sul até Diedenhofen, Nieder-Jeutz, Künzig, Walmesdorf, Elsing, Weckingen, Monneren e continua exploração para Etain e circumvisinhanças sul. As 5 horas serão evacuadas Waldwiese, Reimlingen, Halsdorf.

Pelo telegrapho

v. K.

Major do estado maior.

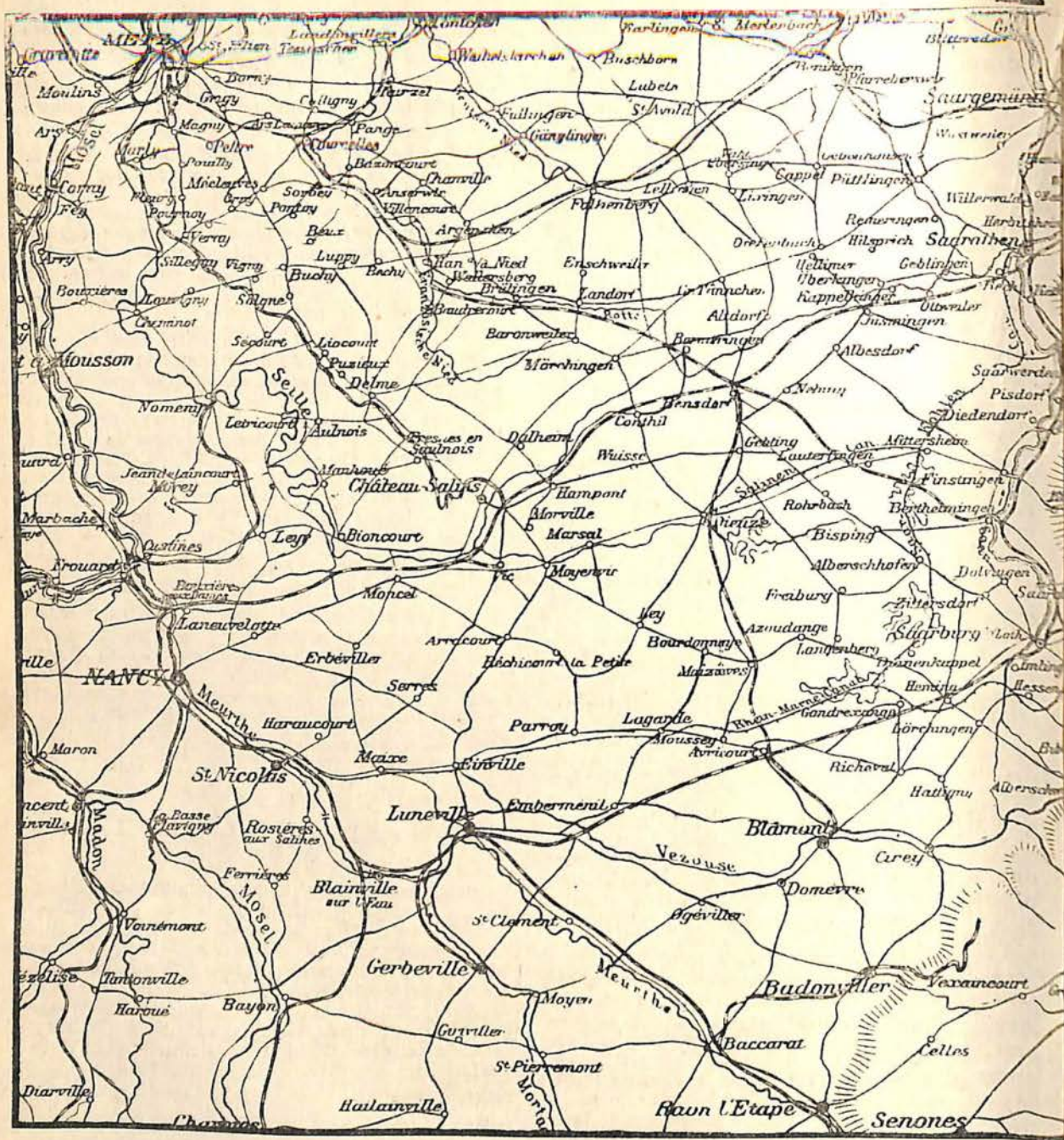
5. D. I.

Discussão

Não ha motivo para um deslocamento da zona de estacionamento de toda a divisão. Igualmente não é do espirito da ordem do commando em chefe do exercito iniciar a marcha no dia 12. 6. Ao contrario, o escalonamento da divisão a um dia de marcha, á direita e retaguarda, é de importancia para a segurança do flanco direito.

Quanto á segurança do Mosel, fica por conta da brigada de landwehr a maneira de desempenhar sua missão. Esta brigada não pode render

exercito activo e podendo formar divisões; a segunda classe comprehende os homens que acabaram seu tempo na primeira (5 annos) e outros reservistas de substituição exercitados.



os diversos destacamentos de segurança, postos, patrulhas e esquadrões de exploração da divisão. O que ella precisa saber é o que faz a divisão, quaes os limites de seu estacionamento e para onde manda seus órgãos de esclarecimento.

Na «apreciação da situação» não se deve comunicar a missão, mas a «resolução» a tomar tem de ser ventilada clara e precisamente e, quando necessario, serão expostos seus effeitos. A 11. 6. ainda não é possível determinar alguma cousa sobre a marcha. A situação póde prolongar-se até 12. 6. á noite.

Não ha razão para se ficar apprehensivo com relação ao flanco de uma columna de marcha,

caso ella não seja simultaneamente atacada de frente. Em virtude de participações opportunas sobre a approximação do inimigo podem as tês-tas das unidades da columna voltar-se para o lado ameaçado. A columna flanqueada desdobrar-se-á então muito mais rapidamente do que seu adversario. Resulta que seu ataque se tornará envolvente antes que o inimigo tenha conseguido augmentar a frente ou completar seu desdobramento.

Inversamente, no caso de marcha contra o flanco de uma longa columna inimiga deve haver o maior cuidado para que se faça o desdobramento a tempo.

Na communicação das proprias intenções na

ordem será melhor evitar este modo de dizer «a divisão *deve*»...; ordena-se de preferencia com decisão, por exemplo, «a divisão marcha de... por... para...» ou «a brigada, cobrindo o flanco direito do corpo de exercito marchará amanhã de... por... para...».

O esclarecimento para a marcha do dia 13 deve ser garantido quanto antes. O centro de gravidade da exploração fica a oeste do Mosel, mas seria arriscado enviar os esquadrões muito longe, para Briey ou St. Privat. Isto cabe ás *patroullas longinquoas*, não á massa da cavallaria. Os esquadrões poderiam ficar lá em situação muito crítica; em qualquer caso se subtrahiriam, a acção do chefe e não mais estariam disponiveis para as missões mais proximas. E' necessario aliviar a pouco numerosa cavallaria divisionaria, desligando-a de tudo quanto fôr secundario. A ligação com as tropas visinhas pode ser feita por intermedio de *officiaes de informações* (V. (1) na «Defeza» n. 59, pag. 339).

A alimentação da tropa ficou muito mais facil com a introduccão das cosinhas rolantes. A tropa conduz no trem de combate sua principal refeição já prompta e pode assim comer em qualquer oportunidade que appareça, como os altos de marcha, etc. As col. de munições e comboios devem estacionar tendo em consideração a marcha do dia 13, isto é, ficar no lado da divisão não ameaçado pelo inimigo, no qual tambem terá que marchar.

Restauremos a Escola Preparatoria

Com a idéa que apresentamos temos o desejo exclusivo de prestar á Nação um serviço que reputamos de grande valor.

O recrutamento dos officiaes para o nosso Exercito foi, até certo tempo, sob o ponto de vista profissional, cheio de vícios, excessivamente theorico.

Pelos cursos passados destinavam-se ao serviço da tropa officiaes cheios de ardor pelas pesquisas scientificas e, por isso mesmo, longe, muito longe, da realidade pratica. Presentemente, porem, a facil comprehensão de tão graves erros, levou nossos chefes a mudarem a orientação do ensino. Com o devido acatamento áquelles que assim agiram, achamos entretanto ainda não perfeita a maneira de encaminhar a mocidade brasileira á carreira das armas.

Hoje, para realisarem o desejo de se incorporar ao officialato os que o aspiram ha uma especie de entrave proposital, porque se estabeleceu uma selecção por demais offensiva aos poucos recursos daquelles menos protegidos pela sorte. Um rapaz pobre, embora rico de aspirações, luta com difficuldades para a admissão á Escola Militar, porque o regulamento exige que elle tenha os conhecimentos que só um curso

remunerado lhe pode dar. Quantos para cá não vêm por difficuldades pecuniarias? Quantos sacrificios exige dos paes a matricula em collegios caros, como o militar, por exemplo? Precisa a Nação, por economia, afastar seus filhos de tão nobre aspiração? Não. A escola preparatoria offerece áquelles que só puderam frequentar a escola primaria, um acolhimento digno e salutar. Quantos officiaes superiores, filhos de familias distinctas, mas de parques recursos, aproveitaram este acolhimento official para se iniciarem na carreira almejada?

Quantos camaradas distinctos por tudo entraram para a Escola Militar só sabendo ler, escrever e as quatro operações? E quantos assim galgaram os maiores postos honrando o Exercito e aos seus mestres? Restauremos o curso preparatorio porque só elle é capaz de encaminhar para o corpo de officiaes, aquelles que, por vocação verdadeira, nutrem o desejo de comandar. Possuimos tres collegios militares que custam não pequenos sacrificios á Nação, ao Exercito e á maioria dos paes pobres que, por amor aos filhos ali matriculados são forçados a gastar quasi fóra de suas posses.

Qual o resultado sob o ponto de vista militar, que dão ao Exercito semelhantes institutos de ensino? Quasi nenhum, porque os mais abastados retiram os seus filhos quando completam alli o curso escolar. Os filhos dos pobres, os gratuitos, si lhes é permitido, continuam na carreira militar. Porque não podemos transformar os collegios em escolas preparatorias de matricula gratuita? Ninguém encontrará nessa idea a menor offensa aos seus direitos. Os ricos, que não desejarem ver os seus filhos como soldados, poderão lançar mão dos collegios congeneres civis; os pobres cujos filhos souberem ler, escrever e as quatro operações, alli os manterão já como soldados, com deveres verdadeiros e com direitos correspondentes. E' bem verdade que muitos, de idade inferior a 14 annos não poderiam pertencer á nova Escola, mas o prejuizo seria mais apparente que real, pois um menino sabendo já ler aos 10 annos, aos 14 annos estaria em melhores condições para a matricula.

O ensino primario, em toda a Republica, honra lhe seja feita, já é sufficiente para preparar candidatos á Escola Preparatoria.

A estadia de um menino de 8 annos, no Collegio Militar aprendendo caligraphia

com um official combatente do Exército, é o que ha de mais offensivo á missão desse futuro commandante, porque as cousas más são contagiosas. Quem negará a influencia malefica dessa anomalia militar, sobre a futura situação desse futuro official combatente? (1)

Um alumno da Escola Militar, praça já com verdadeiros ensinamentos militares, num curso verdadeiramente para soldado, offerceria á nação a esperança de vel-o mais tarde á frente de seu pelotão, bateria ou esquadrão, dedicando todo o seu vigor, todo o seu conhecimento, toda a sua honestidade profissional, em defesa de sua Patria, cada vez mais amada, pela comprehensão que fosse tendo sua nobre missão. Alem disso, durante sua de permanencia na Escola, podem seus mestres observar seu sentimento, seu character e sua aptidão para a profissão que verdadeiramente abraçou.

Os laços de camaradagem serão mais fortes, pois alli em commum, os affectos nascem pela observação diaria da bondade e distincção dos futuros commandantes. Quem não renderá homenagem, neste ponto, á velha Escola Militar? Quantos sentimentos de camaradagem desapareceram com ella? Não fallemos. . .

Ha ainda um outro beneficio pratico para o Exército. Este ponto, para nós tambem de importancia, merece a attenção dos camaradas arregimentados.

Quem não percebe a difficuldade presente para fazer-se um sargento?

A escola regimental resolve o problema?

Essa escola, resto anachronico da antiga organização dos corpos? Não. Não resolverá nunca. O sorteio, com o serviço por um anno, ou quasi um anno, foi um tiro de honra nessa antiquilha que absorve, no fim do dia inteiro de instrucção propriamente militar, o resto da energia que so-

N. da R. — (1) Importa impedir que de ora em diante sejam nomeados officiaes combatentes professores de materias não militares. E' o que aliás muito acertadamente serviu de norma nas nomeações interinas para o Collegio do Ceará. E' realmente um inqualificavel roubo á Nação esse de desviar-lhe officiaes cuja formação com tanto sacrificio ella custeou visando sua utilização especial militar e fazel-os professores de materias que civis poderiam leccionar muito mais barato. E ninguem ousará articular que semelhante desfalque seja sanado pela reforma, e ainda com accesso.

Razão de sobra tem pois o autor em accentuar o effeito educativo de semelhante norma de governo, que mostrou ao tenro neophyto o mais appetecido objectivo para sua orientação militar...

bra ao recruta, quando ainda nas 12 semanas, ou ao soldado já prompto, na instrucção da companhia, do batalhão e do regimento, bem como nos affazeres do serviço interno ou de guarnição, afóra os extraordinarios.

Nos tempos idos das escolas preparatorias, quantos habilitados esperavam uma vaga para serem cabos? (2)

Pedimos aos bons camaradas e aos dignos chefes, deixarem passar algumas falhas nesta ideia, que, revista por mais capazes, pode presta alguns serviços ao Exército e á Patria.

1º Tenente *Furtado Sobrinho*.

N. d. R. — (2) Quem frequentou ou conheceu de perto as antigas escolas preparatorias não pode esquecer as suas vantagens nem negar os seus defeitos. Estes em sua maioria se originavam da desorientação geral do paiz ou a ella se prendiam; assim, as escolas preparatorias em nenhuma das suas phases fizeram obra accetavel no que concerne á preparação physica e formação da mentalidade dos futuros commandantes e instructores do Exército.

Entretanto, si não constituíam um meio razoavel para a educação militar e crystallisação do caracter dos jovens que as escolhiam, taes escolas formavam, incontestavelmente, os élos mais fortes da camaradagem e da solidariedade, quer atravez de innumerados actos de abnegação e mesmo de beneficencia feita com honrosa discreção e justiça, quer mesmo por actos espontaneos de energia e bem comprehendido escrupulo que serviram por vezes de exemplo e contribuíram decisivamente para a selecção dos quadros.

Concordamos que a nossa administração militar devia ter antes cuidado de aperfeçoal-as que de extinguil-as. Mas desse acto não devemos mais recuar.

O ensino militar, desde que seja convenientemente escalonado e diferenciado, pede grandes sacrificios pecuniarios ao paiz; ahi estão as bases do ensino para isso demonstrar. Duas ou tres escolas preparatorias não nos forneceriam campo mais vasto do que ora possuímos para seleccionar os candidatos á matricula. Estamos informados que este anno a concurrencia excede em muito o triplo das vagas, encontrando-se entre os candidatos desde os jovens bachareis em direito até as modestas praças que a golpes de vontade completaram o seu curso de humanidades.

E' que o ensino secundario é hoje dez vezes mais facilitado do que no tempo das escolas preparatorias e, hoje como hontem, os elementos os mais modestos da nossa sociedade podem, desde que tenham vontade, amparados no proprio Exército, candidatar-se á escola militar.

O nosso distincto collaborador sente com um bem entendido patriotismo e com uma grandeza d'alma muito apreciavel que sem as escolas preparatorias poderemos perder elementos valiosos, tirados do seio do povo e com plena consciencia dos seus sentimentos, das suas necessidades, da sua vontade.

Achamos, porém, que esses elementos de forte character vencerão hoje igualmente, e tambem

não ha razão para que excluamos do exercito os elementos mais favorecidos e que hoje contribuem em perfeita igualdade para a formação da massa dos combatentes.

Quanto ao problema dos sargentos, o nosso distincto camarada dá mais um justissimo grito de alarma. Não os devemos formar, porém, com os vencidos das escolas preparatorias. Estes deram alguns bons sargentos mas, em regra, ou tinham outras aspirações e não continuavam nos corpos, ou nelles continuavam com a mesma flacidez com que se inutilisaram nas escolas — com a circumstancia prejudicial ainda — de pretenderem gosar dos fóros especiaes com que a tropa sempre recebeu os ex-alunos.

O nosso collaborador escreveu suas considerações muito antes de terem surgido as actuaes bases do ensino: ellas provam a razão dos seus argumentos quando tratam de cursos para sargentos.

E' a escola de sargentos que precisamos, escola que receba um voluntariado especial e que após uma instrução e educação apropriadas o entregue á tropa como bons sargentos, comprometidos a servir por cinco ou dez annos nesse posto, findo os quaes, aquelles que não tenham sido chamados aos cursos de administração e veterinaria, voltarão á vida civil com as vantagens que a lei do seu aproveitamento estabelecer.

Assim teremos optimos sargentos e nos livraremos do processo actual que muito deixa a desejar.

Quanto ás escolas preparatorias o mais que podemos desejar, é que os Collegios Militares vão aos poucos, adquirindo as suas virtudes e se transformando em estabelecimentos mais modestos e mais militares sem perder as vantagens que sempre apresentaram com relação ás escolas que nos servem de assumpto.

Curso de Estado Maior para o Generalato

O nosso exercito tem nos ultimos tempos soffrido um grande numero de reformas, reorganizações, remodelações ou coisa que as valha, tendentes todas ao seu aparelhamento profissional.

Cantadas em prosa e verso, ao ver-lhes os primordios de execução, exultamos de contentamento, porque vamos vêr a realisação dos nossos mais desejados objectivos. Entretanto, por fas ou por nefas, passados os primeiros annos de execução, reconhecemos que eram fallazes as promessas, porque ficavamos com o exercito em peiores condições, desfalcado, sem instrução, mutilado.

Todos os males nos advêm de uma lei de promoções, que está fora da epoca, d'avessas com as nossas mais elementares necessidades. Sem a reforma da actual lei de promoções, de onde deve desaparecer a promoção por antiguidade absoluta, todas

as reconstrucções terão um obstaculo consideravel a vencer.

Entre as novidades, que têm surgido á publicidade, resalta uma que convem ser devidamente estudada, porque, á primeira vista, parece ser uma necessidade inadiavel e indiscutivel e que de facto o seria, se as nossas condições permittissem a observancia de regras, em uso em exercitos mais aparelhados e organizados que o nosso.

Esse criterio, entretanto, que seria por mim acceito em caso de necessidade entre nós, tem contra si hoje um outro, modernamente, adoptado por uma Nação adiantadissima em cousas militares. A lei de promoções mais moderna que se conhece, com determinações arrojadissimas, dignas de um povo forte e victorioso, é a da Republica Argentina.

Pois bem, não se exige n'ella o curso de Estado-Maior para promoção a general. Entre os coroneis examinados e classificados candidatos ao generalato terão preferencia, em egualdade de condições, os que tiverem o curso de Estado-Maior.

Na propria lei de promoção ha assumptos mais urgentes a ser estudados, do que a exigencia do curso de Estado Maior para o generalato.

De quando em vez nós vemos a Commissão de Promoções deixar de propôr um official para graduação, por não ter os requisitos necessarios e poucos dias depois indica-o á promoção para effectividade do posto. Em outros termos a questão é esta: declara-se a todo o povo e a todo o exercito, desmoralizando por consequente o official, diante de todo o paiz, que elle não é digno do posto que occupa no exercito, e no dia seguinte é galaradoado com uma promoção. E' um verdadeiro crime de lesa-Patria.

Mas... podemos exigir o curso de Estado Maior para promoção a general? Penso que não, como tentarei provar.

Para que se pense em tal deve existir a convicção de que temos os elementos necessarios para attender a essa exigencia. O numero de officiaes que têm o curso de Estado Maior no Brazil é enorme, enormissimo, pois nós temos quasi 500 officiaes com esse curso. Apezar d'esse numero elevadissimo, que é bem provavel que bata o record mundial, a adopção da exigencia, a que me refiro, em nada nos adiantaria

Os officiaes, que actualmente têm o curso de Estado Maior são diplomados pelos regulamentos de 1874, 1889, 1898 e alguns pelo regulamento em vigor. Os que estudaram pelo regulamento de 74 e 89 pouco ou nada aprenderam na Escola, porque n'aquelle tempo ninguem se preocupava com o Estado Maior, e era cousa que passava inteiramente despercebida. O mesmissimo facto deu-se com os officiaes que foram diplomados pelo regulamento de 98, que tiraram o curso de Estado Maior, estudando pouco ou nada de Estado Maior.

Não é justo, por conseguinte, que um provimento tão acanhado dê vantagens tão grandes. N'aquelle tempo ninguem fallava nas Escolas Militares em Estado Maior, que cousa era de pouca importancia.

Todos queriam ser engenheiros, doutores e só se ouvia doutor por aqui, doutor por ali. E foi esse um dos maiores males, essa preocupação de bacharelise, porque ninguem queria ser soldado. Agora, que as cousas militares apresentaram novas nuanças, não temos mais doutores e sim officiaes de Estado Maior.

Se aos alumnos do curso de 1898 fosse dado suspeitar que mais tarde lhes seria exigido o curso de Estado Maior para o generalato, nós teríamos hoje bons soldados com esse curso. ⁽¹⁾

Os melhores estudantes dos nossos tempos escolares timbravam em mostrar-se avessos ás cousas militares, eram reconhecidamente *filosophos*. Excepções, como sempre, honrosissimas.

Sahiam das Escolas para commissões militares e civis e só já bastante tardiamente chegavam aos corpos, onde os troupiers em lucta tenaz e porfiada, com os elementos que reagiam ás novas orientações, preparavam o alevantamento moral e intellectual do exercito, que foi feito, para honra nossa nos quarteis. ⁽²⁾

⁽¹⁾ N. d. R. — Naturalmente o autor não exclue da sua affirmativa de que seriam bons soldados aquellos que por acaso tiraram esse curso de E. M. E' lamentavel que uns e outros não suspeitassem... mas, felizmente, ainda está em tempo e muito nos felicitamos com a probabilidade de que amanhã tenhamos bons soldados com o curso de estado-maior, primeiro porque o curso vae ser franqueado áquelles que o não tenham, e os outros que, com ou sem proposito o tiraram, gozarão de um curso de revisão.

⁽²⁾ E' uma irreflexão ou grande injustiça excluir assim redondamente da *contagem de tempo* dessa campanha os officiaes providos do curso de estado-maior.

Se o curso de Estado Maior representar a capacidade profissional, a selecção far-se-á naturalmente e o official destacar-se-á de seus camaradas. Porque então a obrigatoriedade da lei? Para estimular? Não, temos quasi 500 diplomados e não exigindo o serviço arregimentado para promoções, muito em breve ultrapassaremos o milhar, em vista da ogerisa que os nossos officiaes votam á caserna, porque esse curso abre-lhes a porta para todos os empregos e commissões.

Parece-me que pôr em proverbio de sabedoria os titulos academicos não é pôr em boa obra de justiça os interesses nacionaes. ⁽⁴⁾ Os titulos academicos, espe-

⁽⁴⁾ N. d. R. — Não temos entusiasmo pela exigencia do curso de estado-maior para o generalato mas achamos que ha exaggero na argumentação do nosso distincto collaborador; por esse caminho chegaremos tambem a provar que o curso é dispensavel para a promoção ao 1.º posto, pois elle, em verdade, nada mais é do que um titulo academico, com o seu certificado e seus effeitos.

Parece-nos que a intenção do Governo foi forçar ao estudo e estabelecer mais um crivo por onde devam passar os candidatos ao generalato. E, ao mesmo tempo que estabelece a exigencia, as portas da escola de estado maior são amplamente abertas para os officiaes, de 1.º tenente a coronel, que queiram cursal-a, dando preferencia aos que se destacam na tropa e exigindo para a matricula o serviço arregimentado, requisito que infelizmente já não é mais exigido para a promoção por merecimento, mas em boa hora a commissão de promoções procura respeitar.

O legislador estava no mesmo ponto de vista que o nosso articulista, destacando o que este salienta por um processo habil e connexo com as restantes exigencias do nosso ensino militar. Si se estabelece que o curso isolado de cada arma basta para ser coronel não é uma injustiça que se obrigue o official a um estudo generico das questões de commando, mórmente quando isso depende de um esforço individual e não se torna privilegio de ninguem.

E' preciso reparar ainda que o curso de estado maior não é uma condição bastante para ser general e sim uma das condições dentro da qual podem apparecer as que o articulista deseja, principalmente si o novo curso de estado maior tiver melhor orientação; a menos que as qualidades militares e a competencia se tornem apanagio exclusivo dos que não o tiverem.

Daqui a dez annos os interesses mais de perto tocados, detalharão o assumpto e talvez a exigencia do curso fique reduzida ao posto de general de divisão — pois poderemos ter generaes de infantaria, cavallaria e artilharia — muito em accordo com a nossa organização, pois a brigada é unidade de arma.

Quanto aos officiaes que já tem o curso de estado maior e cujo grande numero ainda anda pelos postos de capitão e tenente, é provavel que evoluam e leiam fóra da escola o que a escola

cialmente sob o ponto de vista militar, que requer qualidades particularíssimas, deixam muitíssimo a desejar. Tenho a apoiar esse asserto a opinião autorizada do Sr. General Tasso Fragoso: "De mim costume dizer, quando defendo a promoção por merecimento, que não me é possível ter hoje, em consciencia, uma opinião segura sobre o merito actual de officiaes com quem convivi largos annos na Escola Militar, porém em cujo lado nunca mais me encontrei. Alguns que ali foram optimos estudantes, revelaram-se depois na pratica mediocres soldados; com outros passou-se o inverso." (*Defeza*, pag. 4 n. 37).

Se ha exercitos que exigem o curso de Estado Maior para o generalato, elles guiam-se por um criterio, que nós não podemos adoptar, tal o atrazo em que nos achamos. Elles fazem uma selecção rigorosa e methodica, o que absolutamente não houve, nem pode haver entre nós, dos seus officiaes e preparam assim os candidatos ao alto commando. Mas isso é lá na velha Europa, onde ha verdadeiro serviço de Estado Maior e se faz esse serviço, assumpto que ainda apalpamos porque o desconhecemos completamente.

Tenho para mim que os officiaes têm valor profissional, quando na sua vida publica, demonstram as suas qualidades de elite. Reconheço que um official é competente no seu mistér, quando o vejo produzir obra, que o acredite.

A lucta pela vida é hoje muito intensa, a concurrencia formidavel. Acredito no valor d'aquelles, que triumpham quando vão á competencia de seus recursos profissionais. E' problematica, é presumpçosa a capacidade, apoiada nos valores dos diplomas e nos anneis. Que todos concorram ás mais elevadas funcções profissionais, escudados no seu saber, é um caso assim natural, como justo.

Ao diante, quando a nossa capacidade profissional for valida em dobro do que é actualmente, talvez possamos realizar melhoramentos, sim difficeis, mas producti-

vos de resultados beneficos. Hoje é rudimentar cuidado caminhar devagar e com tento.

vos de resultados beneficos. Hoje é rudimentar cuidado caminhar devagar e com tento.

Se o curso de Estado Maior das nossas Escolas tivesse algum valor entre nós, com 500 officiaes diplomados, deviamos ter o primeiro exercito do mundo e um quadro de officiaes que faria inveja aos mais adiantados exercitos. Francamente, não tinhamos direito de pedir a missão, nem para instruir o Estado Maior do Exercito, nem para instruir os officiaes da tropa. (3) Dezembro 1918.

Cap. Alves Alencastre.

(3) Isso não, porque afinal apesar da eterna queixa da falta de officiaes nos corpos, tambem temos officiaes de tropa, e o autor não nega que estes desejam a missão. O que se reconhece é que o curso de estado-maior não dá o privilegio do atrazo; porque então, os officiaes que o tem hão de ficar atraz de seus camaradas que o não tem, no desejarem a missão, como *ultima ratio* para o aperfeiçoamento da defesa militar nacional?!

Assumptos Navaes

FORMULAÇÃO DE ORDENS

(Almirante Austin M. Knight. U. S. N.)

Antes de concluirmos esse trabalho, precisamos insistir mais uma vez sobre o facto de que a *forma* prescripta não é propriamente o *fim*, mas tão somente o *meio* para atingirmos esse *fim* que é a *transmissão da vontade do superior ao subordinado, com o maximo grão de precisão e celeridade praticavel nas condições em que elles se encontram, sem nada esquecer.*

A "forma" é conveniente por muitos motivos: economisa tempo, tanto em redigir as "ordens", como em decifral-as; constitue, até certo ponto, uma garantia contra o descuido e a omissão.

Proporciona, como já foi dito, um ambiente propicio á transmissão de pensamentos, de quem formula, como de quem recebe, interpreta e executa a ordem.

Mas ha, além desses caracteristicos de conveniencia, algo de muitissimo maior valor e que, de facto pode ser dissociado da forma e applicado nos muitos casos em que se não pode empregar a forma stereotypada: E' o *espírito* de que a "forma" é vehiculo — um espirito que regula as relações entre superior e subordinado e no qual cada um se prevalece da intelligencia, da iniciativa e da lealdade do outro, para atingir os fins que acredita terem ambos, ao mesmo tempo, em vista.

O official que transmite suas ordens a um subordinado, lança toda a luz possivel sobre a *missão* que lhe está confiando, toda a luz sob a qual elle vê essa *missão* — a *situação de que ella resulta, as condições que a rodeiam, e o objectivo que ella tem em vista, transpiram do espirito da "forma de ordem".*

As ordens podem ser cuidadosamente redigidas

Apesar dos pezares, pouco se tem feito no exercito sem a collaboração dos officiaes que já tem curso de estado maior e si não lhes devemos dar privilegios tambem não é justo que procuremos diminuil-os só a elles.

ou dadas verbalmente e devem instinctivamente permittir fazer face a uma situação que inesperadamente se apresente. Ellas serão *ordens* na sua quasi perfeita accepção militar.

Será, no entretanto, para desejar, que se siga a *ordem*, tão rigorosamente quanto possível, e isso é exigido na solução dos problemas na Escola Naval de Guerra, excepção dos casos das «*ordens de batalha*» (tactica) quando é necessario enfrentar o desenvolvimento de uma situação que varia rapidamente.

Mesmo então, não obstante, o espirito da forma de ordem deve ser mantido tanto quanto possível.

Quasi tudo quanto está dito, de importancia, nas paginas precedentes, acha-se admiravelmente synthetizado nos seguintes capitulos de um trabalho escripto, a respeito da *formulação de ordens*, pelo Commandante F. H. Shofield, da Marinha Americana:

«O *espirito da forma* parece a principio uma idea illusoria, mas torna-se mais definida quando reconhecemos n'ella o *espirito do Commandante em Chefe*.

«A forma de ordem é o receptaculo do seu espirito — tanto melhor quanto mais elle confiar no subordinado que a recebe.

«A forma de ordem é destinada a permittir ao Commandante em Chefe estender com o minimo esforço possível, e com a maxima precisão, a directa influencia da sua personalidade, de modo que elle sinta que se acha, até certo ponto, presente com a sua idéa; que a sua intenção está sendo executada de accordo com as varias condições, e sem o atraso da expressão actual do seu desejo.

«Essa interpretação da forma de ordem presuppõe um treinamento equivalente do Commandante em Chefe e dos seus subordinados, de modo que delle resulte *essa uniformidade de concepção strategica e tactica*, esse grão de equilibrio e determinação, sempre essencial para a eficiente cooperação de forças que se não encontram em immediata communicação physica. A unidade de doutrina!

Na solução dos themas — no jogo da guerra — se presume que todos os officiaes se acham assim treinados; e as ordens transmittidas são proprias a serem devidamente interpretadas pela experiencia.

Por esse methodo, se houver erros, o official não treinado ganhará a precisa experiencia; primeiramente, fazendo o melhor que sabe; segundo, vendo seus erros apontados; terceiro, corrigindo esses erros.

Não se perdoaria o commandante que na guerra desprezasse o elemento pessoal.

Elle deve regular as suas ordens de accordo com as habilidades dos respectivos subordinados, não esquecendo jamais os perigos emboscados nas instrucções detalhadas. Quando uma *ordem* é recebida, a primeira intenção de quem a recebe é collocar-se immediatamente na attitudinal de quem a formulou.

Para isso a *ordem* deve deixar clara essa attitudinal.

Ella resulta, principalmente das condições em que se encontra o Commandante em Chefe. Por isso, é natural e conveniente que o paragrapho um da *ordem* relate essas condições.

Dellas resultará a *missão* a ser executada o

que fica naturalmente explicado no paragrapho segundo.

A redacção é geral e breve, exprimindo o que deve fazer a força que recebe a *ordem*.

Logo depois, em sequencia logica, está determinado o como e por quem a missão deve ser desempenhada. Quasi sempre ha «não combatentes» ligados ás forças militares: As ordens para esses, estão escriptas, no paragrapho quatro.

E' importante que fique indicado onde e como as mensagens devem chegar ás mãos do Commandante em Chefe: isso será explicado no paragrapho quinto.

Deve-se notar que o espirito da *forma de ordem* tem possibilidades de util emprego em varios ramos de actividade, que não têm a minima relação com as operações militares.

Onde quer que os *planos* de um superior devam ser executados por subordinados, elles o serão mais efficazmente se esses conhecerem as *intensões* do seu chefe; se elles perceberem as *condições* segundo as quaes elle vê as cousas, os *objectivos* que pretende attingir e se igualmente conhecerem as *incumbencias* que foram distribuidas aos outros subordinados, cujos esforços deverão ser coordenados aos seus e aos de seu superior commum.

No *sport*, essa coordenação de esforços é chamado «*team-work*» e este termo, nesses ultimos annos, tem encontrado uma larga applicação, na vida militar como tambem na vida commercial e até na vida social.

O espirito da forma de ordem é um verdadeiro «*team-work*» e por ella se consegue a melhor utilização possível de toda a energia e de todas as forças agindo sobre o mesmo problema, em qualquer que seja o campo de actividade a que esse problema se refira.

Capitão de Corveta Frederico Villar.

A PHYSIONOMIA DA TACTICA

XIIIª Conferencia realizada na Escola Naval de Guerra em 1918.

Sres. Commandantes!

Com o seu trabalho quotidiano e honesto, a Nação encheu dos seus thesouros a arca do Estado e permittio que dos campos, das officinas, das escolas, desviassem os seus filhos, afim de que a potencia militar fosse dignamente constituida. Sómente o grande principio da propria conservação «*Salus populi suprema lex*» e, em alguns casos, a seductora ambição de expandir-se e dominar, tem levado os povos modernos ao sacrificio maximo d'entre todos os sacrificios, isto é, permittir que os cidadãos abandonem familia e trabalho para, solicito, correrem a aprender a arte de matar e fazer-se matar.

Os ministros da Marinha e da Guerra apparelham Marinha e Exercito, fornecendo-lhes o material necessario e fortificando o solo do Estado; o Governo declarára a guerra a uma potencia inimiga, entregando ao strategista o *mandato* de conseguir dado fim politico. O Governo, pelo seu orgão legitimo, isto é, o Commando em Chefe e o Grande Estado-Maior, escolhera o objectivo e as linhas geographicas das operações militares, a base dos movimentos, os pontos de reunião das forças de terra e mar; dividira as

tropas e os navios consoante o plano geral, isto é, em partes proporcionaes aos fins; dera as disposições geraes concernentes ás marchas, ao desdobramento strategico das forças, que eram necessarias para operar com segurança e efficacia: disposições que do trabalho logístico foram indicadas de modo mais particularizado, e pelos commandantes dos corpos de exercito e das esquadras serão cumpridas. Por sua vez, as forças inimigas manobram segundo a direcção que lhes fôra impressa, encontram-se com as nossas, batem-se, pagnam. E' a batalha!

Eis, senhores commandantes, o supremo acto da guerra. Tudo ahi se encaminha e tudo d'ahi se irradia. Para ella convergem assim osapparelhos organicos da paz, como as grandes combinações da guerra.

Essas combinações, essas marchas da guerra levam á batalha e da batalha ramificam-se para repetir o mesmo processo até á prostração completa de uma das partes combatentes. Logo, no proprio campo de acção ha uma acção preparatoria, uma acção effectiva, uma acção deductiva, e a batalha é a acção por excellencia, é o raio, é o Sol da guerra. Uma divindade terrível que preside as origens das resoluções bellicas e abre de par em par as portas da grandeza ou da humilhação de um povo. Terrificante é por certo o espectáculo de um campo da batalha, seja elle em terra ou no mar: os destroços das naves serpenteando na crista das vagas; os gritos lancinantes dos naufragos; os ultimos estertores dos vencidos pelo homem e pela natureza.

E' um quadro horrivel! Mas, ainda mais horrivel é o estudo que tem por fim a morte do homem. Entretanto, quando se reflecte na enorme influencia que tem a batalha sobre os destinos da propria Patria, o espirito mais candido e amante da humanidade supporta e justifica o espectáculo da devastação, transfigura-se e poetisa a morte e se apegá a cultivar com calor e constancia a sciencia da Tactica, que se poderia definir como *aquella entre as sciencias militares que mais directamente estuda a maneira de salvar a Patria das offensas inimigas*.

A batalha, como fizemos notar, é o meio para conseguir o fim strategico; mas, é um meio que traz dentro de si o fim, enquanto a victoria é o modo mais efficaz, mais directo e mais seguro para resolver o problema da guerra. Certamente que, para obter a decisiva e integral, é mister que a Estrategia saiba preparar-a; mas isto não diminue o seu immenso valor real, não exclue que o *objectivo proximo* de quem dirige as forças seja o de vencer o adversario mediante o encontro tactico. Conseguir esse *objectivo proximo*, é o mais seguro caminho para chegar ao *objectivo final*.

A batalha, pois, é o termo médio no sillonismo bellico; é o gigante da guerra e sendo civilmente um mal necessario, militarmente é sempre um bem, porque resolve o estado de hostilidade. E como é proveitoso á civilisação tudo o que apressa a solução do estado de guerra, assim a batalha é, a esse respeito, também civilmente um grande bem. Enquanto, senhores commandantes, a sociedade humana persistir em querer resolver com a espada as questões vitais que a agitam, o commando em chefe que em vez de prolongar a guerra com vans manobras e paliativos, vai direito e firme ao fim

e vence a batalha decisiva, é digno, civil e militarmente, de trazer na frente bem alta a corôa de louros, embora tinta de sangue. E' a Patria quem lh'a concede. E quando uma nação combate pela justiça, o homem que ajuda a vencer é também benemerito da humanidade.

O grande valor da batalha, senhores commandantes, repercute na sciencia tactica, isto é, na *sciencia de bem conduzir as forças na pugna*, dando-lhe altissima importancia.

Si é verdade que as funções militares, tanto na paz quanto na guerra, acham na victoria a sua finalidade, a sua unidade vital, segue-se que o estudo da Tactica deve inspirar todos os outros estudos militares. A Tactica nos dá a razão essencial da organização e dos movimentos de uma armada. Sem o conhecimento da forma pela qual se inicia, se desenvolve e se completa a pugna, é impossivel comprehender a fundo o porque a Armada se organiza com certas unidades, grandes e pequenas, porque a Estrategia a faz mover em determinada direcção, porque a Logistica assignala este ou aquelle modo de marchar e de repousar.

Entre o theatro strategico é o campo tactico existe, certamente, uma grande differença.

Alli, os combatentes muitas vezes não se vêem; apenas se tocam com as pontas das antenas dos exploradores; aqui a obscuridade é menor, mas os sobresaltos são maiores imperando, não tanto a difficuldade de vêr, que também não é pequena, mas a de tomar uma resolução entre timida e temeraria, fazendo-a traduzir-se em actos por uma multidão de almas sobrexitadas no torvelinho da batalha.

A Estrategia pertence ao reino em que predomina o pensamento; a Tactica em que prima o caracter. E caracteres agitados, senhores, por correntes varias e oppostas parecem ingovernaveis!

Entretanto, não é assim; as cousas não se passam por modo casual.

Até o estado physiologico e psychologico dos combatentes pode ser dirigido, modificado, dominado dentro de certos limites.

O estudo *a posteriori* da grande mestra da vida — a Historia — nos ensina que salvo excepções, um povo não se desmente no campo da honra. Ao espectáculo da morte não diminuem as qualidades do caracter, que lhe eram inatas ou que adquirio com a educação. Um povo impetuoso será temerario no ataque, facil de desanimar si o ataque fracassou; um povo calmo e tenaz resistirá como rocha viva e atacará sempre com pertinacia.

Um povo que alcança o vertice da grande via da civilisação, que é animado por uma grande idéa, que se faz digno d'ella, propugnando-a e fazendo-a valer, que é guiado por homens que dão o exemplo do sacrificio, que tem o habito de obedecer ás leis, que gosa dos direitos e da liberdade bem entendidos, que respira uma atmosphera de moralidade e de justiça, que não é jactancioso nem indolente, esse povo saberá morrer mais facilmente do que humilhar-se.

Poderá haver e ha certamente desfallecimentos esporadicos; mas, no conjunto as forças armadas de um paiz respeitavel, combaterão com ordem e com valor: poderão ser batidos, mas não cairão sem honra. O meio hostile, senhores commandantes, poderá abalar, enfraquecer, fazendo vibrar mais sensivelmente o moral de

uma força; mas não as transfigurará de molde a tornar imprevisíveis os movimentos, incalculáveis as condições, arbitrários os processos, casuaes os efeitos. Tudo isso é falso e não pensar assim é perigoso e funesto. Si fosse verdade, não nos restaria a nós outra solução senão fecharmos os livros, abandonarmos os exercicios, deixarmos ao Deus dar a educação dos homens, cruzando os braços, porfim, á espera que venha a hora em que os impulsos do acaso nos levem para BE. ou para BB. Mas, não é verdade absolutamente, senhores commandantes, para felicidade nossa!

A Tactica tem uma parte *formal* e outra *substancial*. A primeira é constituida pelas relações arithmeticas e geometricas, isto é, relações fundadas no numero e nas linhas segundo as quaes são as unidades dispostas; a segunda, pelas qualidades intellectuaes e moraes dos homens. A primeira subordina-se ás leis da quantidade; a segunda, ás da qualidade.

As leis que regem a primeira ou leis do numero, são determinadas e conhecidas na sua quasi totalidade; as da segunda ou leis abstractas, são em parte conhecidas e em parte devemos ainda d'ellas cogitar. Mas, o que já sabemos das relações moraes, basta para nos fazer comprehender que, quando a materia prima é boa, com uma intelligente instrução e uma nobre educação, podem gerar-se, infallivelmente, intelligentes e nobres effeitos, tanto na paz como na guerra.

Ora, si nós conhecemos as leis da Mecanica militar em si mesma e em relação ao terreno, si nós conhecemos sufficientemente as da Psychologia militar, que mais resta para a regra de bem conduzir as forças na batalha? Pôr em harmonia a Tactica mecanica e geographica com a psychologica, as formas da batalha com os caracteres dos combatentes.

A Tactica, senhores commandantes, é pois uma sciencia, que tem leis, principios e regras; e a batalha é sempre governavel quando os homens são educados de modo a saber commandar e obedecer com intelligencia, com energia, com devotamento. Qualquer regra seria van, si faltassem as qualidades moraes e technicas; mas, si estas existem, os principios e as regras tacticas servem para conduzir os a conseguir a victoria ou ao menos a pô-los em condições de executar operações racionais. A victoria é, pois, a resultante de duas forças contrarias: para conseguil-a não basta *ser*, é preciso *preponderar*. Ser é, porém, o unico meio de ter a maior probabilidade de preponderar em um campo onde o imprevisito se insinua, é verdade, mas em que a calma da mente e o vigor do caracter dominam soberanamente.

A Tactica distingue-se em *pura* ou *applicada* conforme faz ou não abstracção do terreno ou da especial situação do inimigo.

A Tactica pura, tambem dita elemental, estuda o modo de dispôr, de fazer mover e de fazer actuar as forças no campo de batalha, ou em poucas palavras: estuda as formaturas mais adequadas, independentemente d'esta ou d'aquella disposição do inimigo.

A Tactica applicada estuda o modo de empregar as armas na batalha, levando em conta a natureza do terreno e a particular disposição do inimigo. A primeira é geometrica, a segunda é topographica, e quando se pensa em determinar

as condições moraes do adversario, como sempre deve fazer uma tactica concreta, é tambem psychologica.

Napoléão, senhores, chamava a Estrategia de Alta Tactica; e de facto é a Estrategia, Alta Tactica do theatro de operações.

Mas querendo chamar cada cousa pelo seu proprio nome, sem deixar que as entidades obscureçam as diferenças, devemos manter firmes as nossas distincções. A grande Tactica, pois, é a escolha dos pontos aos quaes se devem applicar as forças, é o conceito da manobra, é a direcção dos movimentos no campo de batalha; a Tactica ordinaria é a execução d'esses movimentos, é o modo de combater material. A propria grande Tactica pode ser pura ou applicada, conforme no seu estudo se raciocine abstractamente ou em relação a um determinado terreno occupado pelo inimigo de certo modo. Além da grande Tactica e da ordinaria, que alguns chamam regulamentar ou de manobra, existe a *pequena* Tactica, que é a essencia da pequena guerra, isto é, da que consiste em combater o inimigo, incomodando-o, em vez de atacalo profundamente. De ordinario é o expediente de que as forças na defensiva lançam mão. E' a tactica dos pequenos destacamentos, das patrulhas, das arriadas, é a tactica das guerrilhas, contraposta á da batalha e dos encontros entre grandes unidades.

As forças para combater, senhores commandantes, devem ser distribuidas e dispostas segundo uma ordem, que por isso se chama — *ordem de batalha*. Esta expressão tem dois significados.

O primeiro refere-se á divisão das forças antes de entrar em campanha e determina as subdivisões da armada e as relações hierarchicas e administrativas que devam existir entre as partes. Tal divisão conserva-se durante toda a campanha. Conforme o outro significativo, a *ordem* é a disposição das forças no campo de batalha, tanto em *relação a si proprias como ao inimigo*.

(Continúa á pag. 209)

Regulamentos Não se entende com «A Defesa Nacional» o aviso do Snr. Ministro da Guerra a respeito da publicação de regulamentos do Estado Maior em revistas, etc. A doutrina do aviso de S. Ex. foi lembrada e defendida pela «Defeza Nacional» nos seus ns. 4, pag. 135, 12, pag. 401, 14, pag. 60, 29, pag. 176.

E' preciso porém que essa medida se complete com um melhoramento, embora transitório, da Imprensa Militar para que ella possa dar as edições necessarias de grande numero de regulamentos presentemente exgotados, pois os interessados proclamam, com toda a razão, o seu *direito de ler*.

Tambem a venda dos regulamentos militares não deve continuar a ser feita unicamente no D. C.

Os serviços de administração das Regiões, na proporção do effectivo da sua tropa e das que nella servem, poderiam receber regulamentos, independentemente de pedidos, procedendo á sua venda e prestando as respectivas contas trimestralmente.

Facilitar a leitura dos regulamentos e incentivar a é melhorar a defesa nacional.

Nomenclatura do obuz de campanha Krupp 105 C. 14 T. R.

(Continuação)

Volante e eixo com roda conica dentada. — Volante é uma peça em forma de roda com quatro raios, tendo a sua corôa revestida de couro; na extremidade de um dos raios existe um *punho* guarnecido de madeira e latão.

O volante encaixa-se na extremidade posterior do eixo, existindo na anterior a roda dentada. O eixo é fixado ao porta-berço por um suporte, que forma caixa para a sua roda conica e para a roda conica superior da *arvore motora*; na parte superior dessa caixa existe um parafuso lubrificador.

Arvore motora com duas rodas conicas dentadas. — E' uma haste alojada no já referido suporte, inclinada para baixo e para a direita, tendo na extremidade superior a roda conica que engrena com a do eixo do volante e na extremidade inferior a roda conica que engrena com a da arvore intermediaria.

Arvore intermediaria com duas rodas conicas dentadas. — E' uma pequena haste, situada horizontalmente, cuja extremidade esquerda termina numa roda conica dentada, que engrena com a da arvore motora e cuja extremidade direita é prismatica e de arestas truncadas, de modo a encaixar no eixo ôco da outra roda conica dentada, que vai engrenar com a grande roda conica dentada.

Grande roda conica dentada. — Engrena com a roda conica da arvore intermediaria e é mantida pela *arvore de elevação*, de modo a poder girar sem se deslocar. Está collocada em torno do parafuso exterior de elevação, sendo a este ligada por intermedio de dois talões, que podem deslizar nos vasados longitudinaes desse parafuso.

Arvore de elevação. — Acha-se situada de modo a poder mover-se entre as falcas do reparo e serve de porca ao parafuso exterior.

Parafuso duplo de elevação. — E' formado de dois parafusos, um dentro do outro. O exterior, vasado e roscado interna e externamente, serve de porca ao interior, que tem os filetes roscados em sentido opposto aos d'aquelle, guardando, porém, ambos o mesmo passo.

O parafuso exterior tem duas ranhuras longitudinaes que guiam os *talões* da grande roda conica, por cujo centro passa o parafuso em questão.

Superiormente o parafuso interior termina por uma cabeça que se articula, por uma cavilha com porca, ás orelhas existentes na parte inferior do berço.

28. — Equilibrador de mola. — E' um dispositivo destinado a compensar a preponderancia da bolada, qualquer que seja o angulo de elevação, afim de alliviar o aparelho de pontaria em altura. Consta das seguintes partes: tubo guia interior, tubo intermediario, cylindro exterior e molas equilibradoras.

Tubo guia interior. — E' um tubo fechado tendo a sua extremidade inferior roscada e de menor diametro, afim de ali se atarrachar a *porca de fixação*; a extremidade superior é terminada em cabeça espherica que se articula ao suporte espherico respectivo, situado na parte

inferior do berço. Ahi na extremidade superior existem resaltos circulares que permitem um encaixe á bayoneta e abaixo dos quaes achase um rebordo, onde se apoia a extremidade superior da *mola equilibradora interior*.

Tubo intermediario. — E' um tubo cylindrico, aberto nas suas extremidades, tendo na extremidade superior um rebordo, onde se apoia a extremidade superior da *mola equilibradora exterior*.

Cylindro exterior. — E' um cylindro que serve de caixa a todo o dispositivo do equilibrador de mola.

E' aberto na parte superior e fechado na inferior, onde tem um pequeno orificio por onde passa a extremidade inferior do tubo guia interior.

O cylindro exterior tem na sua extremidade inferior resaltos circulares, que permitem um encaixe a bayoneta.

Molas equilibradoras. — São duas, uma interior e outra exterior, de forma helicoidal e de diâmetros diferentes. A interior fica entre o tubo guia interior e o tubo intermediario e a exterior entre o tubo intermediario e o cylindro exterior.

29. — Eixo das rodas. — E' uma peça de aço, ôca e curva, que repousa nos *encaixes* fixados sobre as bordas e as faces exteriores das falcas. E' sobre o eixo, em cujas extremidades giram as rodas, que repousa a maior parte do peso do reparo.

O eixo divide-se em corpo e mangas.

O *corpo* é a parte comprehendida entre as duas rodas. Nelle notam-se a parte cylindrica-recta-central, que fica entre as falcas, parte essa limitada por dois resaltos cylindricos, sendo o da direita guarnecido de dentes que se adaptam ao respectivo encaixe e o da esquerda provido de tres rebaios planos, que tambem se adaptam ao encaixe; partes tronco-conicas-curvas, terminadas pelas *cabeceiras* que são quatro rebaios planos, onde se adaptam os supportes do escudo.

As *mangas* são as extremidades conicas do eixo, que recebem os cubos das rodas e que apresentam uma pequena inclinação para baixo denominada *carroçada*.

Limitando interiormente as mangas, acham-se os *topadouros* que são peças apertadas sobre o corpo do eixo pelos supportes do escudo. Proximo ás extremidades exteriores; as mangas têm um *escatel* onde penetra o *sotroço*, peça de ferro que, atravessando a manga, é fixada por baixo por meio de *chaveta* com *francalete*.

Entre o sotroço e a *testa do cubo* da roda ha uma *arandela* de ferro com gancho. O sotroço e a arandela servem para impedir que a roda se desloque e salte fóra da manga.

30. — Rodas. — São as peças circulares que giram nas mangas do eixo, transformando assim o atrito de arrastamento no de rolamento, que diminue o esforço de tracção.

Ellas são constituídas de diversas partes solidamente ligadas entre si, a saber: cubo, raios, corôa e chapa de trilho.

Cubo. — Peça de aço que forma o centro da roda; nelle notam-se o *corpo* e o *apoio*.

O *corpo* consta de um cylindro ôco, chamado *liso do cubo*, com um disco circular ou *testa do cubo* em uma das extremidades, terminando a outra por uma parte troncoconica onde se encaixa o *apoio*.

A testa tem 12 orifícios circulares por onde penetram as cavilhas que atravessam os *pés dos raios*.

O orifício troncoconico que recebe a manga do eixo chama-se *olhal do cubo*.

O olhal do cubo é guarnecido de duas *buchas* de bronze em que repousam as mangas do eixo.

As buchas são peças de forma troncoconica introduzidas no olhal do cubo, uma pela testa e outra pelo apoio, de modo a ficar um espaço entre ellas.

Este espaço forma uma *caixa de graxa* que póde ser cheia por um canal, que atravessa obliquamente a testa e o liso do cubo.

Esse canal é fechado por um *parafuso rolha* e vedado por uma aroella de couro.

A caixa de graxa tem quatro canaes que se abrem nas buchas.

O *apoio* é uma peça circular, semelhante á testa do cubo, tendo como ella, 12 orifícios por onde passam as cavilhas com porca que o ligam á testa e aos raios.

Para amortecer os choques das rodas e impedir que o pó penetre nas buchas, ha aroellas de couro entre os topadourós e a parte interna do cubo, bem como entre as arandelas e a testa do cubo.

Raios. — São as peças de madeira que, partindo do cubo, terminam na *corôa*. Cada roda tem doze raios e cada raio consta do *pé*, *taboa* e *espiga*.

Denomina-se *pé* a parte inferior do raio, em forma de cunha, que assenta sobre o liso do cubo onde é apertado entre a testa e o apoio e fixado por uma cavilha que, atravessando o centro do pé e esses dois discos, é presa por uma porca na extremidade que *excede da testa* do cubo.

Os pés dos raios adaptam-se uns ao lado dos outros em forma de aduelas de barril.

Tabôa ou *corpo do raio* é a parte do raio comprehendida entre o pé e a corôa da roda.

Espiga é a parte do raio que penetra em alojamentos especiaes, existentes nas *braçadeiras* de aço que envolvem as faces lateraes das *pinas das rodas*.

A direcção dos raios não é normal ao eixo do cubo, mas inclinada para o exterior, o que dá á roda a forma de um cone, cujo eixo coincide com o do cubo. Essa inclinação dos raios denomina-se *cupeiro* e tem por fim dar á roda maior resistencia contra os excessos de pressão e os choques violentos que a viatura soffre, quer pela inclinação lateral do terreno quer pela existencia de regos transversaes, o que vem actuar contra a testa do cubo e contra a borda exterior da *chapa do trilho da roda*.

O cupeiro augmenta a estabilidade da viatura pelo augmento da base de sustentação, dá ás rodas maior elasticidade e resistencia e decompõe a acção do peso applicado sobre o eixo.

Corôa. — E' a parte circular de madeira onde terminam os raios. Compõe-se de tres pinas de madeira, curvadas á machina, em peças de um terço de circulo, que se ligam entre si por tarugos de madeira.

A cada junta de pina corresponde um raio.

As tres juntas das pinas ficam cobertas pelas *braçadeiras com olhal* de aço e cada pina tem tres *braçadeiras* com alojamentos para as espigas dos raios.

Chapa do trilho. — E' um aro de aço preparado com o diametro pouco inferior ao diametro exte-

rior da roda, onde é introduzido a quente e fixado por cavilhas com porca, adaptadas ás chapas que reforçam as braçadeiras de aço.

O fim da chapa do trilho é travar todo o sistema, garantindo ao mesmo tempo a fórma circular da roda.

31. — *Freio de marcha*. — E' um freio de parafuso e consta de dois braços articulados ás falcas e terminados em *sapatas* ou *patins*. Cada braço é constituido de dois montantes dobrados em cantoneiras e articulados ás falcas, os quaes, convergindo para o exterior, vêm formar o cotovello.

No cotovello do braço direito articula-se o parafuso da arvore motora, o qual penetra no cylindro-porca que é roscada interiormente e provida de um volante; á extremidade anterior do cylindro-porca prende-se uma haste, que, atravessando um outro cylindro fixado á articulação, existente no suporte do escudo, póde ser accionada por um volante com punho pela parte anterior do escudo.

No cotovello do braço esquerdo articula-se a extremidade posterior de um tirante que transmite ao dito braço movimentos recebidos por intermedio da articulação existente no suporte esquerdo do escudo.

Um tirante horizontal liga as articulações existentes nos supportes do escudo.

O freio de marcha pode ser apertado e desapertado, durante a marcha, por um servente caminhando atraz da peça e, em acção, pelo atirador sentado.

A construcção do freio permite que a pressão dos patins sobre as duas rodas seja perfeitamente uniforme, quando o freio é apertado, quer por meio do volante da frente quer pelo detraz.

Faz-se funcionar o freio nas descidas de rampas muito fortes e por occasião do tiro.

32. — *Escudo de protecção*. — E' uma grande e resistente chapa de aço fixa sobre o reparo, destinada a proteger a guarnição da peça contra o fogo de frente.

O escudo é fixado ás falcas por meio de dois *supportes centraes* e descansa sobre o eixo por *braçadeiras* existentes nos *supportes lateraes*. A's braçadeiras acham-se articuladas sub-braçadeiras que se fecham por uma cavilha articulada com porca.

Pela parte superior o escudo está rigidamente ligado, por detraz, ao corpo do reparo por meio de duas escoras.

A' esquerda á altura dos olhos do apontador o escudo possui uma abertura por onde se dirige a pontaria; essa abertura se denomina *janella de visada*, que póde ser fechada por meio de uma chapa articulada na sua parte superior (*viseira*).

Abaixo da janella de visada fica a *janella do collimador da alça* que é fechada por uma chapa munida de correição e parafuso borboleta de fixação (*postigo*).

Ao meio do escudo ha a *canhoneira* que é uma abertura por onde passa o berço com o obuz.

A canhoneira é fechada por duas placas, uma superior e outra inferior, denominadas *placas de fechamento da canhoneira*. Essas placas deslham em correições existentes no escudo, sendo as da placa superior providas de mola. Esse deslocamento é assegurado por *tirantes* articulados no berço e nas ditas placas.

A canhoneira permite ao obuz uma elevação

de 40° 30', uma depressão de 5° e um campo de tiro de 2° para cada lado.

Existe de cada lado do escudo um gancho, o da direita destinado a pendurar a capa da culatra e o da esquerda a capa da alça.

Por baixo desse escudo está articulado, de cada lado, o *escudo inferior*, que em marcha deve ser levantado contra o fundo do corpo do reparo, onde é mantido por ganchos com mola.

Para levar-se o escudo inferior á posição do tiro, desprende-se dos ganchos, puxando-se para cima a alavanca adaptada á falca direita do reparo, de modo a ser vencida a resistencia da mola.

D) Porta-berço

33. — O *porta-berço* é a parte do reparo que liga o berço ao reparo inferior. E' constituído por duas pequenas falcas ligadas por taleiras, uma posterior na qual existe um olhal por onde passa a *cavilha eixo* e outra anterior, onde existe uma abertura para a passagem do parafuso duplo de elevação.

O *porta-berço* é ligado ao reparo inferior por meio de uma cavilha-eixo e de garras existentes nas taleiras.

No *porta-berço* notam-se as *munhoneiras*, a haste de protecção e o *apparelho de pontaria* em direcção.

As *munhoneiras* abrem-se sobre a parte posterior das falcas do *porta-berço* e são destinadas a receber os *munhões* que ahi são mantidos por sobre-munhoneiras.

Estas são articuladas pela sua parte posterior ás falcas do *porta-berço* e fechadas, pela anterior, por cavilhas articuladas.

A *haste de protecção* é uma haste ôca atarrachada a um suporte, fixado á falca esquerda do *porta-berço*.

Ha ainda fixado a essa mesma falca esquerda um suporte que fôrma caixa para receber peças do *apparelho de pontaria* em altura.

O *apparelho de pontaria em direcção* consiste em duas mangas, uma articulada á falca esquerda do *porta-berço* e a outra fixa a um suporte existente na falca esquerda do reparo inferior.

A primeira dessas mangas serve de porca ao parafuso da *arvore motora*, em cuja extremidade posterior se adapta o *volante de direcção*.

Sobre a manga fixa acha-se cravada uma escala que, com um índice fixo á manga articulada, serve para registrar pequenos deslocamentos do plano de tiro do obuz.

E) Berço

34. — O *berço* é uma longa caixa de folha de aço, cuja parte superior serve de correição ao obuz e cujo interior é munido de dois caixilhos paralelos, sobre os quaes deslisam as garras do *anel-guia* do tubo intermediario do freio de recuo.

No *berço* notam-se: a *taleira*, a *coifa*, os *munhões*, o *supporte do encaixe da alça e encaixe*.

A *taleira* é a chapa de aço que fecha o *berço* pela parte posterior. Ella tem no centro um orifício, que permite a passagem do *cylindro* e do tubo intermediario do freio de recuo.

A *coifa* é uma peça conica de aço que fecha o *berço* pela parte anterior. Acha-se ligada ao *berço* por duas cavilhas de articulação, munidas de porcas, que são fixadas por contra-pinos.

Interiormente a *coifa* apresenta uma manga

roscada onde se atarracha a extremidade anterior da haste do embolo, extremidade essa que, atravessando a coifa, é ahi mantida por uma porca de fixação com contra-prino.

Os *munhões* são horizontaes, de fôrma cylindrica ôca e descançam nas *munhoneiras* do *porta-berço*.

O *munhão esquerdo* se prolonga para receber o *supporte do encaixe da alça*.

Supporte do encaixe da alça e encaixe. — O *supporte do encaixe da alça* é parafusado á extremidade do *munhão esquerdo* e prolonga-se, formando dois *braços*.

No *braço posterior* articula-se o *encaixe da alça* e no anterior existem as *garras circulares* que guiam os movimentos do dito *encaixe*, commandados pela chave do nível das rodas e destinados a corrigir o desnivelamento do eixo das rodas.

O *encaixe da alça* é uma calha curva fechada á esquerda por uma placa de cobertura que lhe é parafusada; sobre essa placa existe o *registro de carga*, que é um disco com janella, movel em redor de um eixo e cujo contorno apresenta seis janellas com as arestas de leitura e indicação da carga respectiva.

No interior do *encaixe*, do lado direito, existem dois *botões* com mola que guiam os movimentos da alça, transmittidos por uma *roda dentada* que engrena com *cremalheira* da dita alça. Essa roda pôde ser commandada por uma *manivella* existente á direita do *encaixe da alça* ou por um *tambor serrilhado* existente na extremidade do *braço posterior* do *supporte*.

Os grandes movimentos da alça são commandados pela *manivella*, deslocando-se previamente para cima a *orelha serrilhada* que se acha junto ao *tambor*; com esse deslocamento imprime-se ao eixo do *tambor* um movimento excêntrico, que faz com que a *roda dentada* da extremidade anterior desse eixo se desengrene da *roda dentada* da *manivella*.

Os pequenos movimentos são commandados pelo *tambor serrilhado*, por intermedio da *roda dentada* da extremidade anterior de seu eixo, a qual engrena com a da *manivella*.

O *encaixe da alça*, articulado no *braço posterior* do *supporte* e encaixado nas *garras circulares* do *braço anterior*, é inclinado, em relação ao plano de tiro, de modo a corrigir automaticamente a derivação normal dos projectis para determinadas cargas e determinados angulos de tiro.

Notam-se ainda no *berço*: o *encaixe espherico* para a cabeça do tubo-guia interior do equilibrador de mola, as *orelhas* para a cavilha de articulação da cabeça do parafuso interior de elevação, a *sapata* do dispositivo de amarração, os *eixos de articulação* para os tirantes das placas de fechamento da *canhoneira*, os *encaixes* para o *tambor de corda* e finalmente o *registorador do recuo*, que é uma regua de cobre, graduada em centímetros e fixa ao lado direito do *berço*.

Sobre a regua existe uma *bainha* com resalto que, por occasião do *recuo*, deslisa, indicando o numero de centímetros que excedem de um metro.

F) Freio de recuo

35. — Acha-se o *freio de recuo* alojado no interior do *berço*.

O seu fim é amortecer o *recuo* do obuz e le-

val-o em bateria; as suas principais partes são: cylindro do freio com cabeça da contra-haste, porca de fixação e parafuso tampão, haste do embolo com embolo, e manga de regulação, contra-haste com valvula bala; tubo intermediario, molas recuperadoras e liquido que enche o cylindro.

1.^a) *Cylindro do freio com cabeça da contra-haste, porca de fixação e parafuso tampão.* — É um cylindro ôco que vae de uma á outra extremidade do berço. Externamente, na sua extremidade anterior existe o *annel guia*, que serve para guiar o seu movimento no tubo intermediario e internamente existem, para escoamento do liquido, estrias cuja profundidade vae augmentando para a extremidade posterior.

O cylindro é roscado na extremidade posterior, que atravessa o talão de amarrar do obuz, onde é fixado por meio da *porca de fixação*.

A *cabeça da contra-haste* é parafusada na extremidade posterior do cylindro, que é também roscada internamente, sendo o seu deslocamento expontaneo obstado pelo parafuso de segurança. A obituração entre a cabeça e o cylindro do freio é assegurada pelo annel de borracha endurecida. A cabeça é atravessada pelo orificio de enchimento, que é fechado pelo parafuso rolha, sendo este obturado por uma aroella de couro.

A parte facetada do parafuso rolha é envolvida por um prolongamento do parafuso de segurança, atarrachado na *porca de fixação*; donde resulta que ficam obstados tanto a abertura expontanea do *orificio de enchimento* como o desparafusamento accidental da porca de fixação.

O *parafuso-tampão* está parafusado na extremidade anterior do cylindro do freio e apresenta na sua cabeça uma serie de entalhes, nos quaes se introduz uma mola de lamina, fixa ao cylindro por um parafuso, impedindo assim toda a rotação accidental.

A *guarnição* do parafuso tampão se compõe de varias aroellas de couro, alojadas entre anneis de bronze e de um couro embutido com aroella de apoio. Esta se apoia sobre o resalto do cylindro, impedindo desse modo o deslocamento da guarnição.

2.^a) *Haste do embolo com embolo e manga de regulação.* — A *haste do embolo* é ôca, apresenta na extremidade anterior uma parte roscada, que se parafusa na manga roscada da coifa do berço e, na extremidade posterior, termina por uma cabeça roscada onde se atarracha o *embolo* de bronze, que mantem no seu lugar a *manga de regulação*, que guia a contra-haste no seu movimento.

O embolo é mantido no seu lugar pelo parafuso de segurança.

3.^a) *Contra-haste com valvula bala.* — A *contra-haste*, que é ôca, penetra, pela extremidade anterior, na haste do embolo e, pela posterior que é roscada, se parafusa na cabeça, chamada da contra-haste. Apresenta, na sua superficie exterior, estrias que permitem a passagem do liquido.

A *valvula-bala*, assim chamada pelo seu systema de fechamento, abre e fecha a extremidade posterior da contra-haste.

4.^a) *Tubo intermediario.* — É um tubo aberto nas duas extremidades, que serve para alojar o cylindro do freio e a *mola recuperadora inte-*

rior. Externamente na sua extremidade anterior existe um *annel guia*, munido de garras lateraes que servem para guiar as partes recuantes do freio ao longo dos caixilhos interiores do berço, e internamente na sua extremidade posterior existe um *descanço-guia*, que serve para guiar o movimento do cylindro do freio.

5.^a) *Molas recuperadoras.* — São duas, uma interior e outra exterior.

A *mola recuperadora interior*, que se compõe de duas peças helicoidaes, collocadas uma em seguida da outra, está disposta em torno do cylindro do freio e se apoia, pela extremidade anterior, sobre o *annel-guia* e pela posterior sobre o *descanço-guia*.

A *mola recuperadora exterior*, que se compõe também de duas peças helicoidaes, collocadas uma em seguida da outra, está disposta em torno do tubo intermediario e se apoia, pela extremidade anterior, sobre o *annel guia* do tubo intermediario e pela posterior sobre a taleira do berço.

Graças á compressão inicial, as molas recuperadoras servem não sómente para manter o obuz na sua posição como também para reconduzi-lo á bateria depois do disparo, qualquer que seja o angulo de elevação.

6.^a) *Liquido que enche o cylindro.* — O liquido que enche o cylindro é uma mistura de 4 litros d'agua e glicerina, obedecendo á proporção de 41 % d'agua.

Para-choques. — São duas peças de couro, uma situada entre a taleira do berço e o talão de amarrar e a outra situada na coifa. Servem para amortecer o fraco choque que por acaso se produza no fim da entrada em bateria.

Funcionamento do freio do recuo

36. — Na posição de repouso do freio o liquido enche completamente o interior do cylindro.

Quando se dá o tiro o obuz recua sobre o berço, arrastando o cylindro do freio com a contra-haste e o tubo intermediario, emquanto que a haste do embolo fica fixa. O liquido, contido no cylindro entre o parafuso-tampão e o embolo, é portanto forçado a passar pelas estrias da parede do cylindro.

A parte do cylindro que fica por detraz do embolo, estando já cheia do liquido, pode receber todo o liquido que para ali é expellido, visto augmentar constantemente a sua capacidade, por causa do recuo do cylindro do freio; e isto se dá de um modo tal que, completado o recuo, a dita capacidade não fica completamente cheia de liquido.

O effeito do enfriamento obtem-se pela estrangulação do liquido, que se produz nas estrias do cylindro, cuja secção transversal vae diminuindo para a extremidade anterior, oppondo assim uma resistencia crescente ao recuo do obuz. Esse effeito é ainda augmentado pela mola recuperadora, porque além de sua compressão inicial, é ella comprimida pelo recuo a cerca de um quinto de seu comprimento primitivo.

A' medida que diminúe a energia do recuo do obuz, a profundidade das estrias do cylindro vae diminuindo progressivamente e torna-se finalmente nulla.

(Continúa)

Assumptos Navaes — A PHYSIONOMIA DA TACTICA

(Continuação da pag. 204)

Si considerarmos, porém, a disposição das forças entre si, a ordem de batalha chama-se *continua* ou *intervalada*, si nos permitem o neologismo *linear* ou *composta*; *rectilinea* ou *curvilinear*.

Si considerarmos a ordem no sentido da sua relação geometrica com as linhas inimigas, ella se denomina *paralella*, *obliqua* e *perpendicular*. Uma classificação das batalhas, fundada na natureza real das cousas, quer nos parecer a seguinte: nas batalhas ou se manobra ou não se manobra, pelo que quasi desaparece o valor das disposições a que regidamente se apegam algumas formas geometricas. Batalha na qual não se manobra, é a em que as forças combatentes uniformemente distribuidas sobre toda a extensão da linha, quasi de igual comprimento, chocam-se e se enfrentam, como um homem enfrenta a um outro homem. Combate-se, mas se não manobra: o successo depende do valor pessoal e mais ainda da instrução technica das unidades, mas não resulta de combinações intelligentes de quem dirige as forças, nem emana da mente do commando em chefe. Tal é a natureza da ordem de batalha *paralella*, verdadeiro e exclusivo duelo de artilharia entre navios, mas na qual se não percebe o verdadeiro conceito tactico.

Ao contrario, a batalha em que se manobra, batalha por excellencia, é aquella na qual se realiza a final actuação do principio supremo da guerra, isto é, a applicação no ponto decisivo da força concentrada e relativamente superior. E' o opposto justamente da batalha em ordem *paralella*: a força é accumulada, em vez de ser espendida e o esforço é produzido pela superioridade material e moral no ponto decisivo e no momento opportuno. Para obter a referida superioridade é necessario que uma parte da linha, uma ala ou o centro seja reforçada em prejuizo do restante, cujo papel é de conter o inimigo, enquanto a parte reforçada executa a sua obra. Tambem se poderia reforçar o centro e uma ala; mas semelhante disposição, si não fôr secundada por uma grande somma de forças, produzirá falta de efficacia em uma das partes reforçadas, porque ter-se-iam duas partes mediocrementes fortes, em vez de uma fortissima e resolutiva.

Poder-se-ia tambem reforçar as duas alas em detrimento do centro; mas tal idéa é a peor de todas, porque as forças ficariam muito afastadas do centro, sem poder o soccorrer em caso de um ataque violento sobre elle. A batalha contra o centro e uma ala do inimigo, faculta maior reunião de forças e consequentemente maiores probabilidades de successo nos casos ordinarios. Si, porém, sem prejuizo da superioridade de força necessaria fôr possivel o ataque combinado e simultaneo do centro e de uma das alas, como fez Nelson em Trafalgar, impedindo d'esta forma que a outra ala muito afastada possa vir em socorro das duas partes atacadas ou de uma só, maiores serão ainda as probabilidades de exito.

Mas, senhores commandantes, de todas as combinações tacticas que se podem architectar, quando é possivel a sua execução no campo de batalha, nenhuma equivale em efficacia a do envolvimento geral das duas alas, isto é, van-

guarda e retaguarda, como fez Togo em Tsushima. Para realizar esse envolvimento, entretanto, é mister, antes de tudo superioridade numerica absoluta alliada a uma superioridade moral e technica, como desfructava a gloriosa esquadra japoneza. Por fim, é preciso dizer-vos que, quando referimos a — manobra — sempre foi nossa intenção accrescentar o adjectivo — racional ou boa — porque ao lado d'esta ha uma manobra má e manobra má é aquella em que se opera de modo a se achar no ponto decisivo com inferioridade material e moral. Para uma boa manobra não se pode dignamente responder sinão por dous modos: ou contra-atacando com exuberancia de forças a parte reforçada ou atacando a parte debil e demonstrativa da linha inimiga. O primeiro partido é mais seguro, o segundo deve ser preferido sómente no caso em que o effeito que se espera anniquilando a parte demonstrativa do inimigo, é superior ao que se temia contra a nossa propria parte.

Do contrario, teriamos conservado fraca justamente a parte da nossa linha que ao inimigo importava anniquilar, sem conseguir compensar com usura o revez soffrido, mediante uma vantagem positiva obtida em outra parte da linha de batalha. E isto é o que se deve chamar uma má manobra. Má manobra é, em geral, aquella em que uma das partes combatentes se deixa surpreender por uma outra, achando-se em estado de fraqueza tactica. E esta fraqueza pode resultar de varias razões. Fraca é tacticamente uma armada que se subdivide, disseminando forças; fraca é uma força importante que se separa do grosso da armada e se deixa surpreender pelo inimigo em superioridade numerica; fraco é aquelle que se obstina a agarrar pelos cornos o touro que apenas está ferido levemente n'um flanco; fraco é aquelle que é impetuoso quando deveria ser calmo e ponderado, lento quando é preciso operar com a maxima mobilidade e atacar profundamente.

Dissemos que na verdadeira batalha a força deve ser concentrada em uma parte da linha inimiga e applicada no ponto decisivo.

Mas, afinal de contas, senhores commandantes, o que vêm a ser precisamente o ponto decisivo? Muito se tem discorrido, creio que em todas as linguas, sobre esse ponto decisivo; mas sem determinação clara e positivamente. Outr'ora o ponto decisivo se definia na occupação de certas chaves geographicas do inimigo, que não poderiam aspirar a outra honra sinão de serem consideradas como um meio para se encontrar a decisão, que sempre se acha no campo de batalha. Chamar decisiva qualquer outra posição que não seja o campo de batalha, não sómente é inexacto, mas evidentemente ridiculo, porque a sorte da guerra tem sido adversa aquelles que se proclamavam senhores do ponto decisivo. A' estrategia da guerra de posição, succedeu a das batalhas e foi natural que tambem a noção do ponto decisivo se modificasse, tomando feição concreta.

Estrategicamente, portanto, o ponto decisivo é todo o theatro da guerra; tacticamente, é parte d'este; é positivamente o campo de batalha. Operar de modo a ter superioridade no ponto decisivo significa, para a Estrategia, ope-

rar de modo a estar com forças superiores no campo de batalha; e para a Tactica operar de modo que essas forças superiores sejam concentradas na parte da linha inimiga onde se procura a decisão. Este é o conceito primordial, simples, realista do ponto decisivo. Declara-se a guerra e uma das partes toma a offensiva. Que fará esta? Si as forças estão reunidas, o offensor marchará sobre ellas; si estão separadas em fracções, o offensor marchará sobre estas. No primeiro caso o verdadeiro ponto decisivo é o campo de batalha que as forças contrarias occupam; no segundo caso, as partes do theatro da guerra em que se acham as fracções são os pontos decisivos. Marchar sobre o inimigo e batel-o, quer significar resolver ou a guerra ou um dos actos em que o grande drama se subdivide. Ir á procura da principal força inimiga e atacal-a onde ella se achar, eis o primeiro objectivo, eis a simples e radical estrategia, com que Moltke, Napoleão, Togo, Nelson e tantos outros fizeram a guerra victoriosa. Assim, Porto-Arthur era o *ponto decisivo* para a esquadra japoneza; estrategico porque lá estavam concentradas as forças principaes do inimigo; tactico porque a sua occupação definitiva significava o aniquilamento d'aquellas forças.

Mas, quando nos referimos propriamente á batalha, é claro que o *ponto decisivo* é puramente tactico e a sua escolha depende não só da posição relativa das forças em presença, como da faculdade que uma d'ellas tem de poder concentrar a maior somma de força relativa sobre o ponto mais debil da linha inimiga. Assim o *ponto decisivo* para Togo na batalha de Tsushima foram as testas das columnas russas; para Nelson em Trafalgar foram dous os *pontos decisivos*, isto é, o centro e a retaguarda da linha franco-hespanhola, o envolvimento d'esta pela divisão de Collingwood e o ataque a fundo d'aquelle pela divisão dirigida em pessoa por Nelson. Mas, convem que repitamos, que para applicar a força no *ponto decisivo* não basta levar uma parte da linha de batalha contra a outra do adversario, mas sim é necessario que a parte reforçada vá chocar uma outra mais fraca, que exista um desequilibrio entre as forças oppostas, para que a massa maior possa aniquilar a menor, e é tambem necessario que a parte enfraquecida da propria linha de batalha, a que tem por objectivo um mero papel demonstrativo, consiga manter em cheque o inimigo, ao menos durante o tempo em que a parte decisiva se empenha para conseguir o seu intento. Ora, como a força que se empenha para applicar-se no ponto decisivo não é somente quantitativa, mas uma razão composta do numero, das armas, da posição relativa, da instrucção, da educação, do estado d'alma do atacante, assim é tambem a natureza do ponto decisivo tactico. Assignalar a cada uma d'essas razões, no caso concreto, um justo coeffericiente de importancia, comparal-as entre si e resolver-se promptamente, é o que constitue o difficil na direcção das batalhas.

Atirar com braço energico, senhores commandantes, uma massa de homens, de modo que avancem concentrados e velozes; operar de modo a se encontrar com superioridade material e moral no ponto decisivo e no momento opportuno, é a essencia da manobra e é principio

commum á Estrategia e á Tactica. A Estrategia estuda a maneira de conduzir ao campo de batalha forças que tenham maiores elementos materiaes ou moraes do que o adversario, e em igualdade de condições procura aproveitar-se da separação do inimigo, levando rapida e successivamente as forças reunidas contra uma fracção e depois contra outra.

Tal era a manobra predilecta de Napoleão. Semelhantemente, a Tactica, no ambito do campo de batalha, concentra a força, applicando-a como uma alavanca em uma parte da linha de batalha. No theatro estrategico, como no campo de batalha, no caso da manobra alludida, existe sempre uma subdivisão da armada, em uma parte demonstrativa e outra parte resolutive. Assim, por exemplo, si começarmos uma batalha empregando cruzadores e torpedeiros, com o fim de attrahir o inimigo sobre o grosso de nossas forças, esta parte em que se subdivide a armada, é a decisiva e aquella meramente demonstrativa. Si, porém, imaginarmos que todas as fracções do adversario estão concentradas, a Estrategia não tem outro dever sinão conduzir todas as forças contra as do inimigo, mas conduzi-las de modo que possam actuar na manobra tactica, isto é, que possam habil e rapidamente oppôr maior força contra o ponto decisivo da linha inimiga. A manobra tactica torna-se assim consequencia da strategica ou si quizerem esta será um meio de actuação daquella; e em ambas resplandece a identidade do principio. Esta identidade, senhores commandantes, é fundada no facto que serve a uma e outra, porque ambas são anneis da mesma cadeia; mas a differença na amplitude do espaço sobre o qual as duas actividades se exercem, induz e deve mesmo induzir, a uma differença na applicação dos principios, e essa differença se accentua tambem na idéa de tempo.

Na tactica terrestre, sobretudo, a differença na applicação dos principios é notavel e manifesta. Entretanto, não nos compete esplanar essa differença. Basta para terminar esta exposição, que passemos para estas paginas as palavras do archiduque Carlos, que se encontram nas ultimas paginas do seu livro sobre a campanha de 1799. Elle escreve: «Um ponto strategico é sempre aquelle para onde convergem numerosas communicações; é tambem o centro do arco occupado pelo inimigo.

«A tactica, ao contrario, não permite que nos colloquemos em uma posição sobre a qual desembocam varias estradas, maximé se ellas vêm morrer nos flancos; e a posição mais perigosa é a que pode ser circumdada pelo inimigo.

«Uma linha de operações que corra entre duas do adversario, faculta os melhores resultados na guerra; enquanto uma columna que avance entre duas columnas inimigas, expõe-se a ser aniquilhada. Na Estrategia, quem se assenhorear da planície, é tambem senhor das montanhas; no dia da batalha o terreno dominante offerece vantagem decisiva. Uma marcha de flanco é perigosa consoante os principios de Estrategia; na Tactica não, porque um quarto de conversão basta para restabelecer a frente de batalha.»

Cap. de Corveta Raul Tavares.

Escola Naval de Guerra, 1918.

O official de subsistencias

(Continuação)

Problemas durante o periodo de mobilisação até a saída da tropa da guarnição

O serviço de subsistencia nesse periodo já está regulado na paz pelos trabalhos preliminares da mobilisação e se desenvolve da seguinte forma.

I. Subsistencia nas guarnições

As tropas que se mobilisam em sua guarnição de tempo de paz mantem a mesma organização do seu serviço de subsistencia até saírem da guarnição.

O pessoal de reforço e o das novas formações a constituir pelas unidades tomam parte na organização de cozinha tal como existia na paz, se ficarem os homens alojados na caserna; si acantonadas entre os habitantes, quanto possível também ficarão arranhados na caserna. Neste segundo caso, se a cozinha do quartel fôr insufficiente requisita-se alimentação dos moradores para os homens a que dão acantonamento.

A forragem é recebida da directoria de subsistencias nas guarnições dellas dotadas, caso contrario mediante fornecedor previamente contratado pela intendencia do corpo de exercito.

II. Subsistencia em lugares onde não ha guarnições, e nas marchas

O pessoal recebe pão, outros viveres e a forragem pelo morador onde acantona, até á saída, segundo a lei de requisições de guerra. Caso as povoações sejam incapazes de fornecer, o pão e a forragem podem ser recebidas na mais proxima estação distribuidora de guarnição.

Embora seja de esperar que o systema de subsistencias bem preparado na paz não falhará nos primeiros dias na guerra, é preciso que se faça sentir em toda parte o olho vigilante do official de subsistencias.

Muito especialmente cumpre-lhe certificar-se que as providencias estejam bastante garantidas para que não haja paralyção quando a partir do 3.º dia de mobilisação o pessoal de reforço começa a affluir numeroso nos lugares de suas formações.

Por isso, se o official de subsistencias é de reserva é necessario que se exija sua incorporação no 2.º dia de mobilisação.

Outra questão que se apresenta ao official de subsistencias é a de apurar quaes os generos alimentícios que devem ser levados da guarnição ao deixal-a, de onde elles vêm, e como hão de ser transportados. Ahi apparece

III. O recebimento e transporte das rações de reserva (viveres e forragens)

A dotação normal que deve ser levada ao sahir da guarnição é de duas rações diarias para cada cavallariano, tres para todas as outras tropas e formações.

A forragem de reserva é de 1 ração diaria para cada cavallo de sella das tropas a pé e formações de trem, tres para cada animal de tracção; $\frac{1}{3}$ de ração diaria para cada cavallo de sella na cavallaria, tres para cada animal de tracção, duas rações para qualquer cavallo nas baterias de campanha, columnas ligeiras de munições, columnas de munição de artilharia pesada.

As conservas de carne e de legumes bem como biscoitos para a mobilisação acham-se depositados desde a paz nas directorias de subsistencias, distribuidas por corpos; em caso de mobilisação tem lugar a entrega aos corpos segundo as instrucções do cdo. do corpo de exercito ou sua remessa — os que se acham fóra da sede da directoria — caso já não estejam nos respectivos depositos desde a paz.

O café e o sal são adquiridos pela propria tropa por occasião da mobilisação; desde a paz estão tratados os fornecedores e garantidas as quantidades necessarias, tudo annotado no calendario da mobilisação.

O transporte das rações de reserva tem lugar (Vd. R. S. C. 453): (1)

nas tropas a pé, duas na mochila, a 3.ª nas viaturas-cosinhas, ou na falta destas em um carro por batalhão, de uma parelha;

na cavallaria, uma nas alforges, outra na viatura-viveres;

nas outras tropas e formações, parte na mochila, parte a cavallo ou nas viaturas, conforme especificam os quadros de carregamento.

As rações de reserva da forragem são conduzidas (vd. R. S. C. 453): (2)

$\frac{1}{3}$ de ração para os animaes de sella, no proprio animal; para os de tracção, na respectiva viatura;

nas metralhadoras e na artilharia de campanha, conforme especificam os quadros de carregamento, parte nos animaes, parte nas viaturas;

nas tropas restantes, para montadas de officiaes e animaes de tracção — nas viaturas, para os outros animaes de sella — nelles mesmos.

Não se leva reserva de feno ou palha, porque com o tempo secco esfarella, com o tempo humido apodrece; sua acquisição tem lugar nas proximidades do local onde deva ser consumido, por intermedio dos officiaes de subsistencia e por via de requisição ou de compra.

Viaturas-cosinhas. Seu carregamento

Cada companhia de infantaria e de engenharia, cada bateria de artilharia pesada de campanha deve ter sua viatura-cosinha. (A acquisição foi gradual; estava estabelecido que na mobilisação os batalhões de infantaria que ainda não tivessem v. c. augmentariam seu trem de estacionamento com um carro a uma parelha para o transporte da 3.ª ração de reserva do seu pessoal. Recomendação de proteger bem contra a humidade as caixas de conservas e os sacos de biscoitos (ou bolachas).

A viatura-cosinha compõe-se de armão com cofre, e retrotrem com o aparelhamento de cosinha e deposito para combustivel e accessorios. É uma viatura de dois jogos articulados, como as peças de artilharia; cada um dos jogos póde ser atrellado separadamente, a um ou dois animaes. A regra é a tracção a uma parelha, conduzida de boléa.

Cada um dos jogos dispõe de um freio de marcha; o do armão é manejado da boléa, o do retrotrem o é pela retaguarda, a pé.

O quadro de carregamento discrimina o conteúdo inicial completo da v. c. O cofre do armão transporta em compartimentos separados

(1 e 2) O R. S. C. brasileiro não resolve completamente a questão; os ns. 570 e 571 estabelecem que cada homem e cada animal (ou carro por elle tira o) transporta a respectiva ração de reserva; nada ha que diga quantas devam ser as rações por cabeça.

os generos da 3.^a ração de reserva, bem como a ração de forragem de reserva da parella, peças sobressalentes, e a bagagem pessoal (de mochila) do cosinheiro e do conductor.

O retrotrem conduz uma caldeira de 200 L. para comida e outra de 70 L. para café. Aquella é de parede dupla; no espaço entre as duas paredes ha glycerina, constituindo um banho de cocção, o qual tem o duplo papel de conservar o calor por muito tempo e de impedir que a comida queime. E' prohibido accender o fogão sem o banho de glycerina. E' prohibido fazer das caldeiras caixa de transporte de quaesquer objectos, a não ser viveres, e assim mesmo só preparados para alimentação.

A caldeira do café é internamente de puro nickel; contem um ralo para o café moído. Uma torneira permite encher directamente os cantis. Empregõ das v. c. vd. adiante.

Carros-viveres e Carrosforragem

Seu primeiro carregamento. — Vd. R. S. C. 438. (3) O fornecimento das viaturas tem lugar em caso de mobilisação antes das tropas deixarem a guarnição, segundo ordens do cdo. do corpo de exercito, e por via de requisição. Os c.v. e c-f. não são viaturas de linha, são vehiculos como os usuas na vida civil na zona de requisição. Entretanto é permitido aos corpos adquirirem taes c. desde a paz, com seus proprios recursos, e incorporal-os com a mobilisação.

Este processo é recommendavel sempre que os vehiculos usuas na zona não satisfaçam as condições de resistencia e capacidade compatíveis com as viaturas de uma parella.

Ao sahir da guarnição o carregamento dos c-v. pôde ser de 1100 kg. e o dos c-f. cerca de 1250.

O primeiro provimento dessas v. pôde ser constituído:

a) Carros-viveres (4)

2 rações de pão. Recebidas das directorias de subsistencias ou das padarias militares (de paz).

2 rações de conserva de carne (ou xarque).	} comprado pela tropa; só na impossibilidade de adquirir a conserva ella será fornecida pela Intendencia.
3 rações de arroz.	
3 " de café.	
3 " de sal.	
3 " de chá e assucar.	

2 rações de farinha de trigo, fornecida pelas directorias de subsistencias; o sal para o pão é comprado pela tropa. Na zona de concentração a intendencia pôde trocar a farinha e sal pelo pão correspondente.

3 rações de forragem de reserva para a parella. Utensilios de carneação.

Além disto:

na infantaria, art. de sitio e engenharia, duas rações de forragem em grão para todos os animaes;

na cavallaria, a 2.^a ração de viveres de reserva e 2 rações de f. em grão para as montadas dos officiaes;

na art. de campanha 3 rações de forragem em grão para as montadas dos officiaes.

(3) R. S. C. brasileiro 521.

(4) Sobre a nossa ração normal de viveres em campanha vêr o R. S. C. 580.

Aqui importa chamar a attenção do official de subsistencias para um ponto que facilmente pôde escapar e que em geral não é fiscalisado nos planos de carregamento organizados na paz.

O calculo exacto do peso a transportar pelos 4 carros viveres de um batalhão dá 4374 kg; juntando-se-lhe, porém o peso dos viveres e forragens necessarios ao estado-maior do regimento o total é de 5064 kg.

No 1.^o caso temos um carregamento médio de 1093 kg, no segundo 1266 kg, o qual excede consideravelmente o limite admissivel.

Acontece até que se impunha toda a sobrecarga do regimento a uma só das companhias; o seu carro receberá então 1783 kg, o que de todo lhe tira a mobilidade.

Por isso é preciso que na organização do plano de carregamento se preveja a distribuição da sobrecarga do regimento (5) entre o carro-cantina (5.^o c-v.) e os carros de bagagem do regimento, mesmo dos batalhões.

b) Carro-cantina, (6)

No trem de estacionamento dos batalhões de infantaria, incorporados ou não, dos regimentos de cav. e dos batl. de art. pesada de campanha ha um carro-viveres destinado á função de cantina. As outras tropas utilizam-se dos c-cantina das unidades delles providas, com que marchem e estacionem.

O carregamento do carro-cantina, a compra, venda e conservação de seus generos se fazem segundo ordens do cdte. da respectiva unidade, sendo seu fiscal o official de subsistencias.

Para a primeira provisão a tropa recebe um adiantamento de mil marcos. O peso do carregamento pode chegar a 1100 kg.

O R. Al. C. discrimina os generos apropriados á cantina.

Quanto ao emprego deste carro nas operações veremos adiante.

c) Carro-forragem

Nas tropas montadas os c-f. destinam-se ao transporte da forragem em grão. Levam nos esquadrones e baterias montadas 11/3 ração, nas baterias a cavallo 1 ração; além disso as 3 rações de forragem de reserva para a respectiva artilharia.

Subsistencia para o 1.^o dia na zona de concentração

Para prevenir qualquer privação na subsistencia da tropa em seguida ao desembarque, ella recebe em sua guarnição para o 1.^o dia na zona de concentração uma ração de viveres para esse dia e uma de forragem em grão.

Conta-se como primeiro dia de zona de concentração o dia da chegada, caso a tropa não tenha tido nesse dia uma refeição quente em estação de alimentação; se tiver tido, contar-se-á como 1.^o o dia seguinte.

O pão ou as bolachas e o grão de forragem são fornecidos pela intendencia, o mais é comprado pela propria tropa, excepção talvez, como já se disse, da conserva de carne.

A distribuição dessa ração pôde ter lugar antes ou depois da viagem, a juizo dos cdtes. O que não se pôde é contar com o seu transporte

(5) O nosso R. S. C. prevê 1 c. — v. e 1 c — f. para o regimento ou batl. independente.

(6) O nosso S. S. C. não consigna.

nos c.-v. ou c.-f.; pôde ser necessario que cada homem, cada cavallo leve sua parte.

Pão e forragem durante o transporte ferro-viario

As tropas levam da guarnição para o consumo na viagem pão e forragem em grão, para 2 dias, feno para 1 dia. Fornecimento pelas directorias de subsistencias ou directamente por fornecedores, conforme estiver préviamente regulado pela intendencia.

Caso não chegue para a viagem, veremos adiante.

O acondicionamento destes generos durante a viagem obedece ao Regulamento de Transportes Militares; assim o pão para o 2.º dia pôde ser guardado no vagão de bagagem, ao passo que o grão de forragem (em saccos) e o feno (coberto com mantas ou capas) vão nos carros de cavallos.

(A seguir: Problemas de subsistencia durante o transporte ferro-viario). (Continúa)

O Regulamento de Equitação

A adopção recente do "Manual de Equitação" do exercito francez em substituição ao R. Eq. provisorio, veio nos desobrigar do resto da critica que aqui nesta Revista temos produzido sobre este regulamento. (1) E como, sempre longe dos nomes das pessoas interessadas, o nosso fito era simplesmente pôr em evidencia todos os defeitos do regulamento, para mostrarmos a necessidade da sua revogação, pelos males inculcaveis que ia produzindo no preparo da nossa tropa montada, damos por finda a nossa tarefa.

Tinhamos justamente começado a analyse do "Segundo Periodo" de trabalho e faltava-nos ainda apontar os *erros de technologia*, de que está cheio o "Glossario" incluído nos annexos.

Paremos ahi; porque não pretendemos provocar discussões em torno de um assumpto que desperta tantas paixões. Paremos ahi; porque mais alto que nós falou o Exmo. Sr. Ministro da Guerra, que n'um acto feliz livrou a nossa cavallaria da intolerancia com que se ia implantando no seu meio um systema de ensino inexplicavel e que, não encontrando apoio nos bons livros, ficaria sempre sujeito ao arbitrio individual.

Se, de alguma sorte, a nossa critica poude concorrer para fortalecer a idéa da substituição do regulamento, sentimo-nos felizes por este grande serviço prestado á nossa arma. Se foi sómente uma mera

N. da R. (1) — Discordamos deste modo de ver. Seria de toda a vantagem que os autores levassem a termo o estudo de todo o trabalho em questão.

coincidencia, e não fizemos mais que marchar ao encontro de uma resolução já asentada pelas altas autoridades do Exercito, fica-nos a satisfação de havermos trilhado pelo bom caminho, concordando com as idéas vencedoras entre os nossos dirigentes.

A adopção do Manual francez, onde o methodo de ensino assenta sobre as verdadeiros fundamentos da equitação, assignala um real progresso para nós. Abandonamos a posição "elegante e academica", para procurarmos ensinar aos nossos recrutas de cavallaria "*à manier leurs chevaux et à combattre à cheval*". Deixamos os processos empiricos do "rodar a garupa" para adoptarmos "*les methodes scientifiques établis sur les bases inébranlables*". (2)

Resta agora a traducção a fazer, que deve ser a mais fiel possível ao texto original, *respeitando sempre a terminologia já existente entre nós*, tão contrariada pelo ex-R. Eq. Não basta ao traductor o conhecimento das duas linguas, portuguez e francez. E' necessario que elle conheça os principios da equitação e *saiba aproveitar o pequeno progresso que incontestavelmente já fizemos no assumpto*. Nada de originalidades que possam desvirtuar as bases da equitação franceza; mas, sempre onde fôr possível, empregar as expressões e as vozes de commando que nos são familiares.

Cap. Lima Mendes e 1º Tte Euclides de Figueiredo.

N. da R.—(2) Continuaremos publicando o R. Eq. cujo 6º fasciculo agora distribuimos. Elle será sempre um *bom companheiro* na estante do official montado.

Sejam quaes forem os intuitos malevolos attribuidos a verdade prevalecerá sobre elles e... nós, continuaremos desconhecendo privilegios para julgar essas questões tão ao alcance de qualquer estudioso.

PALESTRA SOBRE A DEFESA DE COSTAS

(Continuação)

Relativamente á questão da segurança de uma bateria de costa, sua posição elevada sobre o nivel do mar é de grande importancia. A este respeito convem que nos detenhamos um pouco, afim de resumidamente dar aqui uma noticia das idéas de A. Guidetti sobre este importante assumpto.

Conforme accentúa este moderno autor, é por demais sabido que as obras baixas podem facil e effizamente ser batidas do mar, ao passo que aquellas situadas a mais de 100 metros acima do nivel das aguas serão difficilmente atingidas pelos tiros partidos de bordo dos navios de uma esquadra. As baterias altas podem então ser economicamente installadas, dando-se

lhes sómente a protecção de um espesso para-
peito de terra e dispondo-se as suas peças á
barbeta.

Para melhor comprehensão do problema, exa-
minemos as duas espécies de tiros que, vindos
do mar, podem attingir as baterias altas; são
ellas:

1.^a) *Tiros por ordenada maxima* em que os
projectis lançados de bordo, só attingem o alvo
quando no vertice de suas respectivas traje-
ctorias;

2.^a) *Tiros descendentes* (em italiano: *tiro fin-
cante*), cuja melhor traducção parece ser *tiro
fincante*, em que os projectis dos canhões de
bordo attingem o alvo quando no ramo descen-
dente de suas respectivas trajetórias.

Passando agora a separadamente apreciar os
effeitos proprios a cada uma destas especies de
tiros, começaremos pelo

Tiro por ordenada maxima. — Como
se disse, é o vertice de sua trajetória que deve
então attingir o alvo. Sendo porém, horizontal
a tangente a esta trajetória, tirada pelo seu
vertice, resulta que um semelhante tiro só tem
efficacia contra alvos verticaes; portanto, so-
mente os tiros curtos encontrarão o parapeito que
protege a bateria; os longos evidentemente o
transporão sem que o offendam.

Admittindo que os projectis lançados pelos
navios inimigos não penetram nos massiços de
areia além de 6 metros, e tendo em vista que
a espessura do parapeito protector da bateria
diminue em sua parte superior, muitos dos tiros
por ordenada maxima devem atravessal-o, pelo
menos nas proximidades de seu extremo supe-
rior, indo offender pessoal e material. Si, pois,
considerarmos as duas tangentes horizontaes ás
trajetórias curtas dos tiros extremos que pas-
sam pelo mais alto ponto do parapeito e por
aquelle onde sua espessura não tem mais de 6
metros, teremos enquadrado, entre estas duas
tangentes, as trajetórias dos tiros curtos que
podem damnificar a bateria. Suppondo, além
disto, que o material e serventes, quando em
acção, sobresaem de 1 metro ao paramento ou
linha de fogo do parapeito, cuja inclinação seja
de $\frac{1}{6}$, admittendo-se geralmente que a parte vul-
neravel da bateria, ou parte protegida contra os
effeitos dos tiros por ordenada maxima, é ape-
nas de cerca de 2 metros de altura.

**Tiros fincantes ou de ramo descen-
dente.** — Na anterior especie de tiro, estava
em jogo a questão de alvos verticaes, agora o
alvo a considerar é horizontal, pois os projectis
só podem alcançar o terrapleno interior da obra
de fortificação ao percorrerem o ramo descen-
dente de suas trajetórias. Neste caso, a parte
vulneravel da bateria estará comprehendida entre
as duas trajetórias dos tiros rasando o para-
mento superior do parapeito e aquelle mais ele-
vado, cuja respectiva trajetória venha encon-
trar a area occupada pelo material ou pessoal
da referida bateria. Chamando a a profundi-
dade desta area e w o angulo de queda do pro-
jectil atirado de bordo de um couraçado, A. Gui-
detti calcula o alvo vertical b , correspondente
ao horizontal antes alludido, pela simples for-
mula geral: $b = a \operatorname{tg} w$

Tal como se acaba de escrever, esta formula
só convem ao caso de uma bateria baixa, cujo
angulo de sitio E , com relação ao lume d'agua
ou navio atacante, é zero ou quasi nullo. Nes-

tas circumstancias, porém, a dita bateria não de-
verá ser installada a barbeta; ella requererá mais
completa protecção do que a do simples para-
peito; terá de ser casamattada, estabelecida em
fossos com reparos a eclipse e couraças pro-
tectoras; será de pontaria indirecta, si não se
quizer recorrer ao emprego de torres couraçadas-
giratorias.

Desde, porém, que se trate de uma bateria
alta, pode-se perfeitamente installal-a a bar-
beta e então o angulo de sitio E terá valor
differente de zero, de sorte que b será calculado
pela formula $b = a \operatorname{tg}(w - E)$. Agora esta
formula mostra claramente que, o angulo de si-
tio E crescendo, o alvo b diminue. Isto signi-
fica que, augmentando até certo limite a altura
da bateria acima do nivel do mar, diminue-se a
sua vulnerabilidade aos tiros fincantes que os
navios da esquadra inimiga lhe possam disparar.
Quando a altura da bateria fôr tal que este
angulo de sitio E se torne igual ao angulo de
queda w , o projectil terá um angulo nullo de
chegada á obra de protecção; isto é, o tiro fin-
cante se haverá então transformado no tiro por
ordenada maxima. Enfim, si o angulo de sitio
 E fôr maior do que o de queda w , o ramo
descendente da trajetória ficará abaixo do ho-
rizonte do alvo b ; logo este só poderá ser al-
cançado pelo ramo ascendente desta trajetória,
donde resultia um tiro quasi inefficaz.

Não se infira, porém, desta ligeira discussão
que haja sempre conveniencia em elevar inde-
finidamente a situação de uma bateria de con-
tribombardieiro, com o intuito de se tornar pos-
sível diminuir a altura do parapeito de sua
obra de protecção ou de tornal-a cada vez menos
vulneravel, pois, segundo A. Guidetti, o exame
de casos praticos tem demonstrado que, além de
400 metros, a cota de uma bateria quasi não
mais influe sobre as suas condições de vulne-
rabilidade e traz, ao contrario, difficuldades ao
seu regular funcionamento, quer devido ao
grande numero de variações meteorologicas para
as grandes altitudes, quer devido ao enorme
espaço morto que então lhe é inherente.

Conclusões. — Para não recapitular ideias
a respeito de tudo quanto acabamos de ligeira-
mente considerar, vamos textualmente citar aqui
algumas das opiniões de A. Guidetti no sentido
de, entre outras, fundamentar asserções como
esta: O tiro por ordenada maxima é não só de
mesquinho effeito, como sua pratica obrigarão
os navios a se approximarem da obra que elles
tenham de atacar. E' isto o que parece poder-se
induzir da grande obra do eminente autor acima
citado, o qual termina uma de suas abalizadas
argumentações pelo seguinte periodo:

«Per raggiungere un'opera a quota di circa
300 metri col cannone da 152 A della R.
Marina, una nave deve portarsi con suo gra-
ve pericolo, a meno de 4000 metri dell'opera,
cioè all'ascissa corrispondente al vertice.»

Semelhantemente, o tiro fincante ou do ramo
descendente da trajetória, que sem duvida seria
mais temivel para baterias a descoberto, tornar-
se-á, como aliás se tem visto pela discussão
succina da formula $b = a \operatorname{tg}(w - E)$, cada vez
menos efficaz, á medida que se augmenta a
cota da referida bateria.

Sem medo de errar deve-se, pois concluir,
como principio geral, que: *em cotas elevadas,
as obras costeiras se tornam menos vulneraveis*

do mar. E'tendo em vista um semelhante aphorisma que A. Guidetti encerra um de seus argumentos da seguinte maneira:

«L'ordinamento scoperto in barbetta può essere tuttavia adottato per opere costiere a più di 100 metri sul livello del mare: ché se anche nuovi fatti di guerra ad esperienze venissero a dimostrare la possibilità di ottenere risultati apprezzabili contro opere elevate mediante il tiro ficcante eseguito alle grandi distanze, non sarebbe neppure il caso di ricorrere ad installazioni protette e costose (come nelle opere basse), ma basterà sotterrarre l'armamento ed il personale di servizio alla vista ed ai tiri da mare organizzando le batterie a *puntamento indiretto*, con protezione di scudi metallici contro i piccoli proietti e le schegge.»

Segundo as mesmas ideias que só temos aqui esboçado e cujo completo desenvolvimento se acha na obra já tantas vezes citada de A. Guidetti, precisamos, sempre de accordo com os mesmos ensinamentos, dizer ainda que: tanto as baterias altas de obuzes ou de pontaria directa, como os baixos ou de pontaria indirecta, devem ter a organização mais simples possível, apresentar a mínima profundidade aos tiros vindos do mar e conter um numero de boccas de fogo em harmonia com a importancia da obra de fortificação, tendo principalmente em vista a amplitude do espelho das aguas a bater isoladamente ou em concurso com outras posições vizinhas. E' assim que, em vez de espalhar, separar ou demasiadamente disseminar boccas de fogo por toda a extensão do litoral da bahia a defender, convem antes adoptar o criterio de organizar posições com baterias de nunca menos de 4 obuzes de grosso calibre.

O traçado do parapeito das obras de protecção a estas baterias deve de preferencia ser rectilíneo, embora se tenham de construir lateralmente e normalmente a este parapeito dous outros, de menor espessura, para defender o terrapleno de fogos de flanco. Estas construcções, além dos muros testas que são de concreto, comprehendem uma espessura de terra ou areia de cerca de 10 metros em suas bases. Esta espessura diminui para cima, variando, no ultimo metro que termina no paramento superior, de 6 a 4 metros.

Sem descer a mais detalhes sobre a technica da construcção destas obras, convem mencionar agora que, apesar da opinião do Vice-Almirante Melchior a respeito da pontaria indirecta e já por nós anteriormente citada, A. Guidetti, não obstante reconhecer as difficuldades e imperfeições dos actuaes meios de conducção e contróle de fogo no caso do emprego desta pontaria indirecta, diz ser hoje em dia preferível organizar-se para esta sorte de pontaria toda e qualquer bateria de obuzes, alta ou baixa, visto que a protecção completa que então se lhe pode dar vem trazer perfeita calma e inteira liberdade de acção para todo o pessoal de sua guarnição. Este motivo é sem duvida da maior relevancia, mas não se deve exaggerar-o ao ponto de augmentar despesas e de complicar a organização de uma bateria alta para dar-lhe uma excessiva protecção, quando, por sua elevada cota, tudo se poderia simplificar.

Sempre, porém, que se montar uma bateria para o tiro indirecto, os meios de communicacões das peças entre si e destas com as estações

dos observadores ou directores do fogo devem ser multiplas e de uma perfeição a toda prova. A este respeito, a importante revista americana, «Scientific American», Vol. C. VI, N.º 20, New York, May 18, 1912, traz um artigo sob o titulo e sub-titulos *Coast Defenses of the United States: «The System of Rouge-Finding by Which the Great Accuracy of Coast-Defense Gun-Fire is secured»*, onde, em traços geraes mas de modo sufficientemente claro, se encontram descriptos os modernos e seguros meios de transmissão de ordens e conducção do fogo nas baterias de pontaria indirecta. Felizmente, a essencia do assumpto de que trata este artigo, bem como seus principaes e lucidos diagrammas, tudo foi admiravelmente aproveitado pelo illustrado collega Capitão Alexandre Galvão Bueno, na sua preciosa monographia intitulada «Defesa de Costas dos E. U. da America do Norte».

Embora simples e elementares, os processos e meios de fazer funcionar a artilharia de costa exigem grande habilidade e muita dextresa da parte de seus directores. Estes precisam, pois se dedicar especialmente, com ardor e de modo continuo á pratica de todos osapparelhos, de todas as observações e particularidades que a execução de taes processos exige.

Ora, como *c'est en forgeant qu'on devient forgeron*, claro está que a manobra da prancheta de levantamento, o emprego de telemetros, stadias, goniometros, etc., a pratica de observações e o desembaraço nas transmissões de ordens, como a prompta e systematica execução destas, tudo enfim, exige um pessoal treinado, que haja consagrado toda a sua actividade á continua praticagem, em tempo de paz, dos misteres que, na guerra, elle tem de realizar com a presteza e habilidade dos mestres irreprehensíveis. A artilharia de costa deve, portanto, constituir uma especialidade a parte, a qual se têm de dedicar continua e exclusivamente os officiaes que se destinem a dirigir sua manobra em tempos de guerra. Somente com um grupo de instructores assim seleccionados e bem treinados durante a paz, será possível tirar todo o proveito da moderna e perfeita artilharia costeira.

De outro modo, esta artilharia andarã sempre entre mãos pouco habéis e portanto ella, por melhor e mais aperfeçoada que seja, será quasi uma inutilidade, como bem o comprova Albert Grasset em sua grande obra «La Défense des Côtes», após o minucioso exame de innumerous exemplos historicos que, sem discrepancia, attestam, como aliás delles induz Grasset, a incontestavel necessidade de crear especialistas para dirigir a artilharia costeira.

Rio—11—12—918.

Major Abrilino P. Bandeira.

SITIO E CORRECTOR

Em homenagem á verdade, precisamos dizer que remonta quasi á fundação do nosso C. T. G., o emprego no 4º R. A., do angulo de sitio para corrigir a altura de arrebetamento.

Decorrido em silencio, dahi para cá um periodo approximado de dois annos, suffi-

ciente para que uma questão como esta, fosse levantada em nossa imprensa militar, nós deste recanto da fronteira, resolvemos lançá-la á critica, acompanhada de uma justificação, falha talvez, porem na esperança de que camaradas competentes, com as luzes do seu saber, discutam-na melhor, para torná-la mais proveitosa á nossa profissão.

Como tudo tem a sua explicação, a mais aceita até certo tempo, pelo menos da nossa parte, era a de que o emprego do angulo de sitio acarreta menos trabalho para os serventes.

Posteriormente, estudando mais a fundo os effeitos dessa solução na execução do tiro, mais nos inclinamos pela supremacia que deve tomar o processo do manejo do corrector e nos convencemos até que o emprego do sitometro alem do augmento de trabalho, leva-nos a um resultado no alcance, em flagrante discordancia com a alça nominal.

Na marcha de nossas investigações, procuramos torná-las accessiveis aos sargentos que, dada a nossa precaria situação, quanto á presença de officiaes nos corpos, mais ainda precisam de desenvolvida instrução.

Para conseguir isso, tratamos de eliminar o quanto possivel, o que houvesse de cunho theorico, limitando-nos, em grande parte, a um raciocinio sobre o funcionamento dos dois órgãos do angulo de elevação: sitio e angulo de tiro.

Ao entrarmos propriamente em materia, diremos que consideramos normaes todas as condições do material e as mais que no combate, possam estar fóra da influencia pessoal do artilheiro.

(N. da R. — Segue-se uma longa demonstração, com figura, para provar como a modificação do angulo de sitio importa em alterar no mesmo sentido — para mais ou para menos — o alcance, e que este, portanto, deixa de corresponder ao alcance nominal, expresso pela alça. Por falta de espaço, e por ser muito elementar essa demonstração e não prejudicar a supressão o conjuncto do artigo, tivemos que eliminá-la)

As variações do estado atmospherico influem inevitavelmente na duração da queima das espoletas e portanto nas alturas de arrebentamento, mas esta influencia não é tão grande que chegue a exigir uma grande modificação de corrector.

Portanto, altura de arrebentamento exageradamente differente da que esperamos, significa altura do objectivo mal calculada,

e por consequencia, os defeitos a corrigir, localisam-se no aparelho do angulo de sitio e não no do corrector.

Em geral, ao iniciarmos a regulação, jogamos com angulos de sitio e de tiro approximados e devido á falta de tempo os corrigimos parallelamente.

Não obstante, devemos esmerar-nos para obter a perfeição do sitio, o mais cedo possivel, porque obtido isso, ficará determinavel a trajetoria do projectil, e consequentemente possivel a conveniente localisação do arrebentamento, pelo corrector.

Reconhece-se, pois, que apezar de tudo que impõe o recurso ao angulo de sitio, para acertar a altura de arrebentamento quando sensivelmente inconveniente, é preciso não esquecer que, o corrector, não perdeu o papel importante que lhe cabe, no problema do tiro.

Realmente, dada a natureza dos nossos projectis de tempo, principalmente a do sh., a efficiencia delles accentua-se mais, pela grandeza da extensão rasada do que pela densidade da percussão dos balins. Para regular essa extensão, precisamos que os pontos de arrebentamento se desloquem obliquamente ou no sentido da trajetoria, e só o corrector poderá levar-nos a esse fim. De facto se dermos ao projectil, em funcção desse aparelho, um arrebentamento sobre a linha de sitio ou acima della, e quizermos afastá-lo desse ponto, com variações no angulo de sitio, nada conseguiremos, porque alteraremos apenas o angulo de elevação, portanto, a altura do ponto de arrebentamento, porem a duração da queima conservada a mesma não deslocará sensivelmente a distancia desse ponto.

Vejam agora, de que modo se comportará o corrector, no desempenho dessa funcção para a qual foram reconhecidas como improductivas as variações dos angulos de sitio e de tiro. Para isso, consideremos o canhão apontado, segundo determinados commandos, inclusive o da altura de arrebentamento do projectil de 3°_{00} regulada pelo corrector. Tomadas as necessarias providencias e executado o primeiro tiro, se fizermos o dispositivo que commanda a altura, neste aparelho, variar em sentido decrescente, veremos a trajetoria prolongar-se até a linha de sitio, sem influir nos effeitos dos commandos registrados; porem se, dahi em deante, continuarmos com o mesmo proceder, os

pontos de arrebetamento passarão a ser observados abaixo dessa linha e portanto como inefficazes á solução do problema figurado.

Transportando o que acabamos de ver, a um caso geral de regulação, podemos concluir que, sendo incompetentes as variações do angulo de sitio, para deslocarem em alcance os pontos de arrebetamento nas trajetorias de qualquer distancia variando esse alcance automaticamente com a alça nominal, segue-se que é imprescindível a regulação da altura de arrebetamento pelo corrector, toda vez que, eliminado o erro grosseiro de sitio não se obtenha a altura necessaria.

Já tratamos de modo geral, dos defeitos que apresenta o jogo do corrector quando em absoluto torna-se o elemento de regulação, e por isso, deixamos de abordar, agora, o resultado da hypothese em que os arrebetamentos foram observados abaixo da linha de sitio, por ser a mesma cousa.

Bem definido, como é, o papel do corrector e do angulo de sitio, em materia de altura de arrebetamento, podemos dizer que a missão do cdte., ao abrir o fogo de sua bateria, resume-se antes de tudo, em fazer uma regulação que depende de outra.

A missão assim delineada, a ser praticada, alem de complexa, tornar-se-ia quasi interminavel, porem seria duma simplicidade a toda prova, se, para o seu desempenho, tivessemos um ponto de partida garantido. Do conhecimento que temos, da acção do corrector, sobre a duração da queima, sabemos que, se não fosse a influencia do meio, poderíamos, servindo-nos da gradação desse aparelho, prever com algum rigor, a altura de arrebetamento que quizessemos.

Ora, como a consequente alteração dessa influencia, é relativamente diminuta, poderemos lançar mão da gradação que corresponde á altura theorica de observação e portanto, reduzir a missão do capitão, a uma regulação da altura, já determinada pelo corrector.

Como são dois os elementos de regulação, que nos levam ao mesmo fim, parece-nos que não estará fóra dos eixos, o emprego da palavra *determinar* para traduzir a função do corrector, mesmo por que esta, approxima-se muito da significação desse vocabulo.

A disposição do art. 37 do nosso C. R. T. A. C. que autorisa na pontaria indirecta, o emprego do angulo de sitio para corrigir as alturas medias de arrebetamento e que, por isso, parece concorrer com o corrector na regulação da extensão rasada ou perigosa, ao nosso ver, não passa de uma correcção feita ao mau ajustamento do citado angulo, que na efficacia, não póde ser tolerado.

Terminando e recapitulando tudo que foi dito, sobre os trez elementos de commando na preparação do tiro, chegaremos ás seguintes conclusões:

a) os angulos de sitio e de tiro e o corrector, embora correlativos, são independentes entre si;

b) o angulo de sitio, precisando a altura do objectivo, em relação ao horizonte da peça, ao mesmo tempo, corrige a altura de arrebetamento, determinada pelo corrector;

c) o corrector determina previamente ao menos, approximadamente, a altura de arrebetamento e regula a de efficacia.

São Gabriel, 26—10—918.

Cap. Constantino Martins.

Projectil sem ricochete E' muito conhecido dos artilheiros o phenomeno do ricochete o qual, se em alguns casos é favoravel, annulla em outros os effeitos do tiro sobre um dado objectivo.

O ricochete se dá nas bôcas de fogo de tiro rasante, quando os seus projectis tocam um solo mais ou menos unido e resistente, ou uma superficie liquida, em qualquer caso com pequenos angulos de incidencia; pode tambem, verificar-se de encontro ás couraças dos navios, ás explanadas das fortificações, etc., segundo a mesma lei.

Conforme a distancia a que se atira ou, o que é o mesmo, segundo o angulo de queda, a velocidade restante ao tocar um daquelles meios e o estado delles, póde a trajetoria do ricochete ser regular, isto é, analoga á trajetoria normal e quasi no seu prolongamento ou, ainda, irregular e, então, de resultados inteiramente imprevistos.

No caso de ser regular o ricochete pode ser favoravel podendo-se, mesmo, provocal-o para obter certos effeitos. Como sabemos, não é nada facil regular-se o tiro de granada tempo sobre uma trin-

cheira-abrigo; mas se uma granada percutente attingisse um solo nas condições acima referidas ou o talude em forma de explanada dessa trincheira, o projectil viria arrebeitar no ramo ascendente do ricochete, podendo esse arrebeitamento se dar exactamente na situação que somente seria alcançada por meio de uma perfeita regulação em tempo. As condições do ricochete seriam ahí, bem se vê, influenciadas por esse novo elemento que é a inclinação do talude exterior.

Com o shrapnell, porém, devido ao pequeno angulo de abertura do cone de arrebeitamento o ricochete, embora regular, é sempre inconveniente.

No mar as cousas se passam de modo analogo para as baterias de ruptura. Um tiro que não alcança directamente um objectivo, poderia total-o com o ricochete, podendo produzir ainda algum effeito como, por exemplo, sobre as obras mortas de um navio.

No tiro contra os submersiveis o ricochete é de todo desfavoravel. Estes se defendem com o mergulho deixando de fóra apenas o periscopio sobre o qual a artilharia, para destruir aquellas terriveis machinas de guerra, terá que fazer o mais difficil dos tiros *à risco*.

Era, pois, de esperar que os artilheiros buscassem resolver o problema, transformando esse tiro, assim tão á risca, em um tiro de demolição analogo ao empregado contra os navios de guerra communs.

Esse momentoso e interessante problema, segundo o *Journal of the United States Artillery*,⁽¹⁾ acaba de ser resolvido na America do Norte onde se conservam ainda secretos os dados essenciaes. Trata-se, comtudo, de um projectil que ao tocar o fluido não ricochete e continue na mesma trajetoria descripta no ar — *Shells that will dive*. Se este, porém, não alcançar o alvo será necessario que arrebeite a uma distancia capaz de nelle produzir o desejado effeito de destruição, o que poderá ser conseguido empregando-se uma espoleta apta a provocar o arrebeitamento do projectil a uma dada profundidade, de maneira analoga á obtida contra os mesmos submersiveis com as bombas de explosão automatica.

O emprego desse novo projectil vem, tambem, muito facilitar a regulação do tiro sobre esses objectivos.

Até agora os artilheiros, pôde-se dizer, atiravam sobre uma pequena linha vertical — o periscopio e isto, naturalmente, qualquer que fosse a posição do submersível em relação ao plano de tiro. Se a pratica acceitar o novo invento, os artilheiros passarão a fazer os seus tiros sobre superficies, qualquer que seja a situação do maior eixo do submersível em relação áquelle plano, e o periscopio, de incommodo ponto de regulação e de roitura ou de brecha, como dizemos na artilharia de campanha, passará a ser um bom ponto de visada e de regulação.

Cap. Pargas Rodrigues.

(*) Vide *Memorial de Artilleria*. Agosto. 1918.

Corpos de 2.^a linha Já foram creadas as unidades de infantaria que a 2.^a linha deve constituir na 5.^a Região Militar. São ellas os 1.^o, 2.^o, e 3.^o Regimentos de Infantaria, os 52, 55 e 56 Batalhões de Caçadores e as 1.^a e 5.^a Companhias de metralhadoras.

Bem podíamos ter ido com mais vagar até a essa criação, iniciando-a com os elementos apenas de uma brigada, pois sabido é que a 2.^a linha ainda não dispõe de officiaes em todos os postos, capazes de formar com efficiencia essas unidades e se a lei que reorganizou a G. N. só fez referencia á proporção a observar na criação das unidades, sob o ponto de vista das praças é porque — naturalissimo pelas circunstancias da occasião — ninguem podia conceber que pudesse vir a haver falta de officiaes.

Mas não é mais esse o assumpto. Aquelles corpos estão creados, resta organisal-os convenientemente com uma seriedade que a todos convença da transformação operada na Guarda Nacional.

Na organização consecutiva daquellas unidades da 2.^a linha, devem entrar com uma justificada preferencia os officiaes que atravez de exames serios conquistaram a confirmação dos seus postos e essa preferencia deve ser levada a uma proporção que garanta a preponderancia desses elementos capazes.

Não haverá privilegio em tal medida nem mesmo ella importará em menoscar outros serviços muito valiosos que deram direito á passagem para a 2.^a linha. Para constitui-la e apresental-a evidentemente util, realmente valiosa, é preciso que as novas unidades realcem os seus officiaes e delles tenham os maiores esforços e não que se contentem com o seu passado mais ou menos glorioso, passado que os honra muito, mas não basta para garantir a formação de uma tropa regular.

Constituidas as primeiras unidades das quaes uma poderá ser um *batalhão modelo*, uma quasi escola pratica, todos os officiaes de infantaria, já reconhecidos, poderão nelle ser repassados para revalidar sua instrução e se tornarem capazes para constituir outras.

Do exito que resultará desse criterio toda a 2.^a linha partilhará.

Instruções para o serviço dos Canhões c. c. Krupp. 190 c/45 T. R.

(APPROVADOS POR AVISO Nº 1206 DE 23. XII. 916.)

Commando

A cupula com canhões de 190 ^m/_m tem como commandante um 1.º tenente, que é o responsável pela instrução de todo o pessoal do serviço.

Guarnições

O pessoal necessario ao serviço da cupula é constituido por duas guarnições, comprehendendo cada uma o serviço de um canhão: *guarnição da direita* e *guarnição da esquerda*. (As expressões — direita e esquerda — referem-se ao observador que dentro da cupula, olha a boca dos canhões). Cada guarnição é dividida em duas secções:

- 1ª secção ou *secção da camara de bateria*.
2ª secção ou *secção muniçadora* ou ainda *secção da camara de munição*.

E' a seguinte a composição de uma guarnição:

- 1ª secção ou secção de camara de bateria
- 1 chefe de peça (Cp) — 2º ou 3º sargento.
 - 1 detonador (C 1) — cabo.
 - 2 apontadores em altura (C 2, C 3) — soldados.
 - 2 apontadores em direcção (C 4, C 5) — soldados.
 - 2 carregadores (C 6, C 7) — soldados.
- 2ª secção ou secção muniçadora
- 1 chefe de camara de munição (C 8) — cabo.
 - 2 muniçadores (C 9, C 10) — soldados.
 - 3 elevadores de munição (C 11, C 12, C 13) — soldados.

A 2ª secção da guarnição da direita tem mais um servente, o recolhedor de estojo (C 14).

O Cp dirige a guarnição nas formaturas e é responsável perante o commandante da cupula pela boa execução do serviço a cargo da 1ª secção; da mesma forma é o C 8 o responsável pela execução dos serviços da 2ª secção.

A guarnição da esquerda forma nas casamatas, apoiando a sua direita na escada que dá acesso ao corredor anular da cupula. A guarnição da direita forma no poço da cupula, em torno da plataforma de carga. E' a seguinte a disposição da formatura.

Guarnição da esquerda	C 10	C 9	C 8	C 3	C 2	C 1	Cp
	C 11	C 12	C 13	C 4	C 5	C 6	C 7
	2ª Secção			1ª Secção			
Guarnição da direita	C 11	C 10	C 9	C 8	C 3	C 2	C 1
	C 12		C 13	C 14	C 4	C 5	C 6
	2ª Secção				1ª Secção		

Dos Commandos

Os commandos são feitos por vozes, por apito e por gestos. Os commandos geraes são feitos por um dos dous primeiros modos, os commandos por gestos são os particulares, os que partem dos Cp e C 8 e são convencionados por elles.

Deve-se iniciar a instrução das guarnições pelo commando a vozes e só passar ao commando a apito depois de já estarem estas bem familiarizadas com o serviço. Assim, são estas instruções organisadas para o commando a vozes, encontrando-se no final um código para o commando a apito.

Todos os commandos a vozes devem, porém, ser precedidos sempre de um apito de advertencia.

Formadas as guarnições nos seus respectivos lugares, o commandante da cupula dá o commando

Nomear postos.

A esta voz, em cada guarnição, o Cp e C 8 dão um passo obliquo á esquerda, voltando a frente para as suas secções e simultaneamente nomeam, na 1ª fileira, da direita para a esquerda, e na 2ª, da esquerda para a direita, de accordo com a disposição apresentada na figura acima. Nomeados os postos, os Cp e C 8, com um passo obliquo a esquerda, retomam os seus lugares na formatura.

Guarnecer! Marche!

Ao primeiro commando, cada guarnição faz — *direita volver* sob o commando do Cp e, á voz de *marche*, vão, em accelerado, occupar o seu lugar na cupula.

Afim de que seja o serviço feito de modo a que se não embarcem as guarnições, cada uma guarnece o seu lado, seguindo por caminhos distinctos. A guarnição da esquerda galga a escada de pedra que leva á galeria anular da cupula e penetra nesta pela porta lateral da esquerda, conservando-se a 1ª secção na camara de bateria e descendo a 2ª secção, pela escada lateral da esquerda, para a camara de munições, abrindo para isso o C 8 a escotilha dessa escada. Simultaneamente a guarnição da direita galga a escada de ferro que dá accesso directo á camara de munição, onde permanece a 2ª secção, subindo a 1ª para a camara de bateria pela escada lateral da direita, abrindo para isso o Cp a escotilha dessa escada.

Chegadas as secções aos seus respectivos pavimentos, tomam os serventes immediatamente os seus lugares, como aqui se designam:

- C 1 — na altura da alavanca da cunha de fechamento do canhão, voltado para ella.
C 2 — na manivela de pontaria em altura, lado posterior, de modo que fique em frente ao arco de pontaria.
C 3 — na manivella de pontaria em altura, lado anterior.
C 4 — na manivela de pontaria em direcção, lado anterior, voltado para ella.
C 5 — na mesma manivela, lado posterior, voltado para ella.
C 6 — na altura da caixa do elevador de munição, lado da roldana de aço, perfilado pelo C 1.
C 7 — em frente ao C. 6, na parte central da camara, voltado para a caixa do elevador.
C 8 — na camara de munição, entre as duas mesas de operações, devendo inspecionar todo o serviço nesta camara.
C 9 e C 10 — na camara de munição, entre essas mesmas mesas.
C. 11 — na manivela lateral do sarilho do elevador, na camara de munição.

- C. 12 — na manivela central do mesmo sarilho, lado anterior, voltado para ella.
- C. 13 — na mesma manivela, lado posterior, voltado para ella.
- C. 14 — conserva-se na plataforma de carga, afim de recolher os estojos vãos de ambos os canhões.

Verificar!

A este commando, cada servente examina a parte de palamenta que lhe está affecta, verificando o seu funcionamento e comunicando immediatamente ao Cp qualquer alteração encontrada. O Cp descerra o freio da cupula armando a respectiva manivela, o C 2 desliga os ferrolhos do volante de pontaria em altura e o C 3 arma a manivela desse volante; o C 4 arma a manivela de pontaria em direcção, o C 7 colloca o soquete no soalho parallelamente ao canhão e os C 11 e C 12 armam as manivelas do sarilho do elevador e fazem subir o carrinho até a camara de munição. Este carrinho durante o combate, estaciona na camara de munição, ficando os seus rodets apoiados numa trave que é aparafusada á via pelos C 9 e C 10.

Os desarranjos que não puderem ser remediados pelo Cp serão por este levados ao conhecimento do commando da cupula.

Direita (esquerda—cupula), em acção!

Granada explosiva (de perfuração)!

O C 2 e o C 3, manobrando com a manivela e os punhos do volante de pontaria em altura, levam o canhão da direita (esquerda—ambos) á *posição de carga* e o C 1 abre immediatamente a culatra logo que a essa posição chegue o canhão. O Cp da direita (esquerda ou ambos) repete, pelo porta-voz, para a camara de munição a especie do projectil. O C 8, C 9 e C 10 fazem o carregamento do elevador com os dous cartuchos, collocando cada um dos elementos na respectiva calha, após o que e ao signal do C 8, os C 11, C 12 e C 13 fazem a elevação do carrinho carregado, movendo as manivelas no sentido das flechas com a indicação—*subir*, que se encontram dos lados das manivelas. O C 12 e o C 13 devem ter cuidado de, na subida, conservar armado o linguete de segurança do sarilho.

Chegado o carrinho á camara de bateria, na posição de carregamento, o Cp e os C 6 e C 7 introduzem na camara de explosão successivamente a granada, o cartucho complementar e o cartucho principal, empurrando-os a mão e por ultimo com o soquete, manobrado pelos C 6 e C 7.

Antes do carregamento do cartucho principal, o Cp desatarracha o tarugo do ouvido do culote e ahí atarracha a estopilha de percussão.

Prompto o carregamento, o Cp faz signal ao C 1 para fechar a culatra e ao C 8 para descer o carrinho ou diz *abaixo* pelo porta-voz, a que os C 11, C 12 e C 13 movem as manivelas do sarilho no sentido da flecha *descer*.

Feita a pontaria e o disparo de conformidade com as prescripções estabelecidas adiante, a guarnição da direita (esquerda ou ambas) continuará a fazer novo carregamento com o mesmo projectil, esperando, entretanto, os commandos do commandante da cupula para a pontaria e o disparo. E assim continua até que o commandante modifique a especie do projectil ou mande *Cessar fogo!*

Se o commandante quizer que cada carregamento seja feito ao seu commando, dá, em vez da voz acima, a de

Direita (esquerda—cupula), carregar!

Granada explosiva (de perfuração)!

O carregamento se fará pela mesma maneira, ficando, porém, a guarnição da direita (esquerda ou ambas) após cada disparo, esperando, novo commando.

As guarnições devem ter seus serventes designados de ante-mão para, no caso de alarme, entrarem em forma occupando cada servente o seu lugar. Ao signal de alarme as guarnições occupam immediatamente os seus lugares nas casamatas e o commandante dará então a voz de

Em acção!

A que as guarnições vão em accelerado para os seus postos na cupula, effectuando tudo o que se encontra prescripto nos commandos de *guardar, marchar e verificar*, levando ainda os C 2 e C 3 os canhões á posição de carga.

O commandante não tem, então, mais que indicar o projectil com que devem ser carregados os canhões.

Em todos os seus movimentos, os artilheiros devem agir com a maior calma e atenção, fazendo o serviço sem atropelos, pois só assim se consegue a disciplina imprescindível á eficiencia das guarnições. O C 1 deve ter cuidado especial com a cunha, só abri-la por ordem superior e, na occasião do carregamento, só fecha-la depois do signal do Cp. Recommenda-se ainda ao C 8 toda precaução com o manejo da munição, devendo os C 11, C 12 e C 13 serem homens robustos e pouco impressionaveis.

Pontaria

A pontaria em direcção é realisada pela rotação da cupula; a pontaria em altura o é separadamente em cada canhão.

Os elementos de tiro são commandados pelo 1º tenente, que do posto de commando faz as observações e correções necessarias, quando estes não lhe chegarem do commando do Forte.

A pontaria directa é feita pelo 1º tenente na luneta, a pontaria indirecta (caso excepcional) é feita pelo registro no circulo azimuthal da cupula.

A pontaria em direcção póde ser realisada simultaneamente ao carregamento das peças, a em altura só o poderá ser após esse carregamento.

Para a pontaria em direcção o commandante mandará

Cupula á direita (esquerda)!

A que os C 4 e C 5 de ambas as guarnições movem as manivelas de rotação da cupula no sentido indicado pela flecha que tem a inscripção *direita* (esquerda) até os quereculos da luneta de pontaria se achem em coincidência com o objectivo ou o indice do circulo azimuthal se encontre em frente á gradação commandada. Nestas momentos o 1º tenente commandará *alto!*

Os movimentos differencias serão feitos pelos C 4 e C 5 á voz de *pouco á direita* (esquerda)! com o *alto!* consequente, ou pelo proprio commandante agindo sobre os punhos do volante *differencial*, que se encontra no posto de commando, devendo ter o cuidado previo de fazer a ligação do volante para esse serviço. E' preciso ter sempre presente que não se póde fazer mo-

vimentos amplos da cupula com o volante differencial ligado, devendo-se assim desligar-o logo que cesse a necessidade.

Para a pontaria em altura pode-se dar o commando

Direita (esquerda — cupula)!

Depressão (elevação)!

A que os C 2 e C 3 do canhão da direita (esquerda — ambos) movem a manivela de pontaria em altura no sentido das setas indicadoras de depressão (elevação) até a voz de *alto!* dada pelo commandante, que no seu posto registrará a alça no tambor de pontaria em altura ou o angulo de tiro quando se atirar com o tubo de exercicio (T. E.)

O commando normal, entretanto, para o tiro com o canhão será

Direita (esquerda — cupula)!

8200 (ou a alça que fôr)

Os C 2 e C 3 da direita (esquerda ou de ambos os canhões) movem a manivela até que a alça commandada fique registrada no arco de pontaria.

Quando se atira com o T. E. o commando normal será: *Direita (esquerda, cupula)!* (Tantos *millesimos!* E os C 2 C 3 procederão da mesma maneira afim de registrar o angulo de tiro commandado.

Para os movimentos diferenciaes, os C 2 e C 3 agem nos runhos do volante.

Terminada a pontaria e antes do disparo o commandante dá a voz

Direita (esquerda — cupula) sentido!

A que o C p da esquerda (da direita ou ambos) auxiliado pelo C 7 cerra o freio da cupula, utilizando-se da manivella e dos punhos do respectivo volante. Na guarnição do canhão que vae atirar (ou de ambos) os C p, C 6 e C 7 afastam-se de modo a dar livre passagem ao canhão no recuo e evitar desastre com o pessoal. No disparo de uma só peça, a guarnição da outra deverá tambem tomar a posição de sentido.

Terminadas essas precauções indispensaveis, o C p da direita (esquerda ou ambos) avisa o commandante dizendo *prompto a direita (esquerda)!* Seguir-se-á o disparo, que o commandante faz electricamente, calcando no botão do commutador, ou commanda, para ser realiado a mão,

Fogo!

A cuja voz o C 1 da direita (esquerda ou ambos) faz o disparo do seu canhão, puxando fortemente o detonador.

O estojo do cartucho principal, extrahido com a abertura da cunha ao signal do C p e recolhido pelo C 6, é introduzido no *conductor de vazão*, que o transporta á plataforma de carga, onde é recebido pelo C 14, que o retira para as casamatas. E' conveniente munir o C 6 e C 14 de luvas de couro.

O fogo pode cessar ou ser suspenso por se terem consumido todos os projectis da camara de munição. No primeiro caso manda-se *cessar fogo!* No segundo manda-se fazer o remuniciamento da cupula.

Formar guarnição! Marche!

Ao formar guarnição, os C p e C 8 fazem entrar em forma as suas secções nos respectivos pavimentos e á voz de *marche* as secções da camara de bateria descem para as casamatas pelas

mesmas escadas por que subiram; a 2ª secção da esquerda sobe a escada lateral da esquerda, abrindo o C 8 a escotilha e seguindo com a sua guarnição para as casamatas; a 2ª secção da direita incorpora-se á sua guarnição quando a secção da camara de bateria passar pela camara de munição. Formados as guarnições nos lugares estabelecidos o commandante mandará — *Fôra de fôrma!*

Municiamento

O municiamento da cupula é efectuado antes do combate, sendo os projectis e cartuchos dispostos de pé nas *mesas de operações* da camara de munição, existindo para cada canhão uma mesa central, destinada aos projectis, e uma lateral, que é curva, destinada aos cartuchos. As mesas centraes se juxtapoem formando uma unica. Nessas mesas são distribuidas para cada canhão 25 projectis, 25 cartuchos principaes e 25 cartuchos complementares, sendo estes cartuchos collocados mais proximos ao carrinho-elevador do que aquelles, devido a requererem maiores cuidados nos transportes por causa do estojo, que é de ouro.

Quanto á dotação de cada especie de granada, o criterio do commandante do Forte indicará na occasião.

O commando de *guarnecer* que se encontra logo no começo destas instrucções, presuppõe a cupula municiaada. Quando a cupula se achar vasia, o municiamento deve preceder a qualquer outra operação.

Formadas, então, as guarnições nos seus lugares, o 1º tenente commandará

Para municiar, guarnecer!

Marche!

A' primeira voz, fazem as guarnições — *direita volver*, seguindo as 1ªs secções immediatamente para os respectivos paioes. A' voz de *marche* as 2ªs secções vão tomar os seus lugares na camara de munição, galgando as escadas já indicadas quando se tratou de simplesmente guarnecer.

As 1ªs secções conservam-se firmes nos paioes até o commando de

Municiar!

A que começam a transportar a munição para a plataforma de carga, onde fazem o carregamento dos carrinhos-elevadores. O C p e os C 2, C 3, C 4 e C 5 transportam os projectis e os C 1, C 6 e C 7 os cartuchos. Carregado o carrinho, o C p commanda ou dá o signal — *acima!* para a camara de munição, fazendo então, os C 11, C 12 e C 13 a elevação movendo nesse sentido as manivelas do sarilho. Chegado o carrinho á camara de munição, é ahí conservado travado, sendo descarregada a munição pelos C 8, C 9 e C 10, que collocam cada elemento em seu lugar. O C 8 manda descer o carrinho vazio, afim de continuar o municiamento, operação que prosegue até que se ache a cupula completa ou sufficientemente municiaada.

Se ao municiamento se segue combate immediato, o 1º tenente commanda

Guarnecer! Marche!

A' primeira voz, os C p. formam as 1ªs secções nos paioes onde se encontram, e á voz de *marche* seguem ellas a occupar os seus postos na camara de bateria, galgando as escadas já indicadas. As

2ª secções permanecem nos postos onde já se achavam, na camara de munição.

Se ao iniciamento, porém, se não segue o combate immediato, o commandante manda

Formar guarnição! Marche!

A primeira voz, as secções entram em forma— as 1ª nos paíões e as 2ª na camara de munição. A' voz de *marche* vão as guarnições formar nos lugares estabelecidos, descendo ambas as secções da camara de munição pela escada que liga essa camara á plataforma de carga. Quando se quer terminar o exercicio, commanda-se *fôra de forma!*

Remuniciamento.

O esgotamento das munições do pavimento intermediario acarreta a suspensão do fogo, devendo-se, para continuar este, fazer o remuniciamento da cupula, que será, então, effectuado durante o combate.

Commanda-se

*Para remuniciar, formar guarnição!
Marche!*

A' primeira voz, os C p fazem as 1ª secções entrarem em forma na camara de bateria e á voz de *marche* levam estas secções para os paíões respectivos, sempre pelos caminhos já indicados.

As 2ª secções permanecem nos lugares em que se acham no pavimento intermediario (camara de munição).

Ao commando de

Remuniciar!

As 1ª secções começam a fazer o transporte da munição para os carrinhos-elevadores, continuando o serviço de accôrdo com as instrucções para o *municiamento*.

Código para o commando da cupula por apitos.

Na organização dos commandos, tres são os apitos usados neste código: rapido, longo e trilhado. O apito rapido é expresso na escripta por um (.), o longo por uma linha (—) e o trilhado por um tremulo (mm).

Encontram-se aqui alguns commandos por apitos com duas significações, não podendo, porém, dar-se confusão visto serem relativos á situação que occupam as guarnições. Assim, organisaram-se, por convenientes combinações, os 27 commandos que se seguem:

Nomear postos! — (quando as guarnições nas casamatas.)

Guarnecer — Marche! mm .

Em acção! mm . mm .

Verificar! . . . —

Direita em acção! Granada de perfuração!

Direita em acção! Granada explosiva!

Direita, carregar! Granada de perfuração! —

Direita, carregar! Granada explosiva! —

Esquerda em acção! Granada de perfuração!

Esquerda em acção! Granada explosiva! . . .

Esquerda carregar! Granada de perfuração! .

Esquerda carregar! Granada explosiva! . .

Cupula á direita! — . —

Cupula á esquerda! — . .

Direita, depressão! — —

Direita, elevação! — — —

Esquerda, depressão! . . —

Esquerda, elevação! . . .

Alto! . —

Direita, sentido! Fogo! — mm — devendo se fazer uma pausa entre (— mm) e (—). No caso do disparo electrico, é dado simplesmente o apito (— mm), a que se segue o disparo.

Esquerda, sentido! Fogo! . mm . A mesma observação acima tem lugar aqui entre (. mm) e (.).

Cupula, sentido! Fogo! — . mm — . A mesma observação entre (— . mm) e (— .)

Este commando é para um grupo de tiros.

Formar guarnição! marche! mm mm . fazendo-se uma pausa entre (mm mm) e (.)

Para municiar, guarnecer! marche! — mm .

Municiar! ou *Remuniciar!* — . — .

Para remuniciar, formar guarnição! marche! mm — . fazendo-se uma pausa entre (mm — .) e (.)

Ultima fôrma! mm mm mm

Rio de Janeiro, 1915.

1º Tte. Francisco José Pinto.

EXERCICIOS A' NOITE

De um livro de Immanuel. Traducção do capitão A. A. Villanova.

SEGURANCA

III

(Continuação)

O serviço de postos avançados da infantaria, inclusive a actividade das guardas externas postadas nas saídas das povoações occupadas, tem lugar em sua maior parte á noite.

O R. S. C. contém todos os principios e disposições sobre postos principaes, pequenos postos, sentinellas e patrulhas, aos quaes podemos pois, fazer referencias neste trabalho sem descer a detalhes. Pontos ha, ao contrario, que está no nosso objectivo destacar-os porque tem importancia muito especial na instrucção para o serviço de segurança á noite.

1. — Antes de passar aos exercicios de postos avançados e patrulhas á noite, é preciso que os sargentos e praças tenham sido completamente instruidos de dia para as missões que esses serviços exigem.

2. — Quando essa instrucção completa tiver sido alcançada continuar-se-á a dar instrucção do serviço de postos avançados exclusivamente á noite. Não são unicamente os motivos de ordem pratica que exigem isso para as necessidades das manobras e da guerra: taes exercicios são tambem uma excellente escola preparatoria para todas as outras actividades que se tornam mais difficeis á tropa com a intervenção da noite.

E' especialmente importante o desenvolvimento da iniciativa e acção pessoal dos sargentos e praças, que tem lugar, por exemplo, para o commandante da esquadra quando commanda um pequeno posto e para o soldado quando está de sentinella. Essa oportunidade deve ser utilizada de modo proveitoso.

3. — Nos postos principaes, nos pequenos pos-

tos, nos postos de sargentos, etc., deve-se, por meio de exercicios radicaes, habitar o commandante e cada um dos soldados a se aprestarem rapidamente. Nas nossas manobras encontra-se constantemente certo descuido a esse respeito.

Certamente deve-se sempre cuidar de poupar a tropa, pelo dar-lhe o possivel conforto porém, nunca com prejuizo da sua presteza. Apesar disso ve-se muitas vezes que os sargentos no commando de pequenos postos consideram como seu primeiro cuidado armar a barraca e tratar das possiveis commodidades, em vez de antes de tudo estabelecerem contacto com o inimigo, darem instrucções detalhadas ás sentinellas e patrulhas e providenciarem para que haja maior vigilancia e presteza para o combate. Primeiro cumpram-se todos estes deveres, depois trate-se das commodidades. Isso não priva que desde o começo se trate da alimentação da tropa e de fazel-a repousar por partes, sempre, porém, sob a condição de providenciar em primeiro lugar para que a tropa desempenhe a missão que lhe foi confiada. Para alcançar isto eduque-se o sargento no desconforto e na falta de contemplação com a sua propria pessoa, acostumando-o a deixar de lado qualquer commodidade pessoal antes de ter cumprido o ultimo resto dos deveres que lhe competem e ainda um pouco mais. Isto actúa de facto educativamente e transmite o espirito de sacrificio e abnegação á tropa. Disso, porém, precisamos certamente agora, neste nosso tempo inclinado á commodidades e condescendencias.

O serviço de segurança á noite, que tem lugar nos postos avançados, apresenta para tal fim diversas occasiões especialmente apropriadas, pois elle colloca os sargentos e soldados diante de missões autonomas, nas quaes elles podem mostrar não só força de decisão e cuidado como tambem incançabilidade e vigilancia, dominação do cansaço e do somno. Para experimentar a presteza da tropa o superior que dirigir o exercicio deve por muitas vezes e pessoalmente alamar os pequenos postos e sentinellas, porém, de modo tal que ou elle mesmo surja completamente de surpresa ou faça alarmar-os por meio de fogo feito das proximidades. Com semelhantes alarmas o superior deve antes de tudo certificar-se si reina a necessaria vigilancia, si o inferior e sua fracção sahem com a devida pressa das barracas que porventura tenham sido armadas, si as armas são immediatamente empunhadas, si a muchilla é rapidamente posta nas costas, si a promptidão para o combate tem lugar sem demora. Em todas estas cousas reside um elevado elemento de educação, que principalmente nos exercicios á noite deve ser utilizado com zelo. Ahi apresenta-se a occasião apropriada.

4. — O serviço de patrulhas nos postos avançados é muito importante. Si bem que na guerra e consequentemente nos grandes exercicios a exploração seja feita pela cavallaria affecta aos postos avançados ou por cavallaria especial, deve-se sempre observar o R. S. C. 258, que diz: «Mesmo nos logares em que as patrulhas de cavallaria mantêm o contacto com o inimigo, a exploração a pequena distancia deve ser completada por meio de patrulhas de infantaria. Si por causa da proximidade dos postos avançados inimigos ou por causa da impraticabilidade

do terreno não se puder enviar patrulhas de cavallaria para a frente, todo o serviço de patrulhas fica a cargo da infantaria.» (*) E' sabido que se faz distincção entre patrulhas no interior da linha de sentinellas e outras que vão além dessa linha.

Em ambos os casos ha muito que aprender quanto á orientação á noite e quanto ao comportamento em situações difficeis na escuridão.

Por isso deve-se considerar o serviço de patrulhas nos postos avançados como sendo de facto mais ou menos uma instrucção escolar para as missões ainda mais difficeis da exploração a pequena distancia de combate, á noite, pela infantaria. A exploração de combate á noite tem lugar quando, nos combates de longa duração, a lucta só se acalma ao cahir da noite para ser proseguida na manhã seguinte, quando, portanto, os partidos passam a noite proximos um do outro e promptos para combater. Neste caso deve-se manter um estreito e ininterrupto contacto com o inimigo por meio de patrulhas, afim de que uma eventual retirada do inimigo ou deslocamentos de sua posição, seus projectos de ataque ou medidas semelhantes sejam immediatamente reconhecidas e participadas. Além disso ainda ha que reconhecer os postos destacados pelo inimigo e os obstaculos, a exploração do terreno de combate e o assinalamento dos caminhos de approximação ou da posição de assalto. Afim de preparar taes missões e instruir pessoal capaz para ellas, para adextrar, portanto, a tropa na exploração nocturna, é recomendavel o aproveitamento das missões mais simples do serviço de patrulhas nos postos avançados.

Nem todos tem procedido desse modo. Bastantes vezes o superior que dirige o exercicio contenta-se em enviar patrulhas e fica satisfeito quando ellas regressam depós do tempo dado trazendo certas informações. Como, porém, ellas procederam para conseguir taes informações, si se comportaram realmente como na guerra, é na maioria das vezes ignorado, pois não estava ninguem presente que as observasse e vigiasse.

E tal observação, tal cuidado á noite é muito diffcil e altamente fatigante.

Elia só pode ser levada a effeito indo o proprio director para o terreno a patrulhar e agindo para que o patrulhamento seja feito em regra, ou então encarregando elle orgãos especiaes (officiaes e sargentos antigos) de, sem serem presentidos nem vistos, observarem os acontecimentos e intervirem em caso de necessidade para instruir. Sô deste modo será possivel evitar as faltas de toda ordem e actos não conforme á guerra, como por exemplo, que a patrulha não ligue importancia ao fogo inimigo, que dê informações de cousas suppostas ou inventadas ou mesmo que se entenda amigavelmente com as patrulhas inimigas e troque informações — acontecimentos que de facto não se cita de boa vontade, mas que a experiencia mostra terem lugar bastantes vezes quando falta a inspecção. Assim, pois, observe-se tambem aqui a séria advertencia do R. S. C. 260: «Ainda mais importante do que instrucções detalhadas é a escolha dos homens e principalmente do commandante» e accrescente-se o que o R. S. C. diz: «Muitas vezes será necessario designar of-

(*) Vêr R. S. C. braz. 381.

fleias para commandantes». Ora, infelizmente não se dispõe de um tão grande numero de officiaes para se poder dar a elles o commando de cada patrulha importante. Em vez delles ter-se-á frequentemente de empregar sargentos. Não se deve, porém, ter a illusão de esperar cousas de importância da patrulha quando se dá o commando della a qualquer sargento ou graduado. Sem instrução e sem guia não se deve esperar resultado.

Por isso não se considere a missão de commandante de patrulha como um serviço fatigante, incommoda e desagradavel, com o qual não se quer sobrecarregar o official e o inferior antigo. Pelo contrario — justamente ahí é que se deve empregar o melhor pessoal, que tenha experiencia e que principalmente por suas qualidades pessoas já dê a garantia de que algo será aprendido e que não deixará passar negligencias nem actos que não sejam conformes á guerra.

Dê-se a um commandante de patrulha dextro e capaz sargentos e graduados como pessoal da patrulha, o qual deverá aprender pelos exemplos de seu commandante como é que se faz o serviço. Só então, depois que o elemento mais novo se tenha sufficientemente adiantado por meio de indicações praticas, encarregue-se-o de missões autonomas. Baseado em taes fundamentos educa-se com o tempo uma quantidade de commandantes de patrulha para o serviço de postos avançados, que, não só nesse serviço como também na exploração nocturna a pequena distancia e de combate, fazem alguma cousa. Isso é uma condição indispensavel para o successo da acção da tropa á noite e é um dos mais importantes ramos da instrução, cujo valor ainda não foi devidamente apreciado por todos.

(Interrompe-se por falta de original).

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

O culto da energia, conferencia do capitão F. J. Pinheiro.

Union Ibero-Americana, Madrid, Dezembro.

Manual do chefe de patrulha, questionario sobre patrulha de official, pelo 1.º ten. Orozimbo Martins Pereira.

Boletim da Sociedade Medica Cirurgica Militar, Rio, 1 fasc. n.ºs 1 a 6, 1918.

Boletim del Ministerio de Guerra y Marina, Perú, Dezembro de 1918.

A Disciplina, conferencia do cap. F. Pinto Pessoa, no 2.º R. C.

Revista de Artilharia, Rio, n.º 8, Dezembro 1918.

O Cavallo Crioulo, «Problema da Defesa Nacional», D. M. Riet, Porto Alegre, 1918.

A Gazeta da Bolsa, Rio, Fevereiro.

Revista Maritima Brasileira, Rio, Novembro-Dezembro.

Memorial del Ejercito de Chile, Janeiro 1919.

O Tiro de Guerra, Fevereiro 1919.

A *Disciplina* foi o assumpto de uma conferencia feita pelo Capitão Feliciano Pinto Pessoa, no 2.º Regimento de Cavallaria em Castro e da qual recebemos um exemplar.

Dada a estampa ella se apresenta precedida de uma carta do Juiz de Direito de Castro, o Dr. Dantas Ribeiro, carta que é um hymno á disci-

plina, entretecido de citações valiosissimas que bem demonstram a cultura de seu autor.

O Capitão Pessoa teve em vista mostrar a moderna interpretação da disciplina á luz do R. I. S. G., comparal-a com a que o Exército era forçado a manter no passado e comproval-a através de factos historicos simples que bem penetrassem no espirito daquelles em que pretendia esclarecer o assumpto.

Nesse sentido esta conferencia é um trabalho util de onde extravasa uma grande esperanza no futuro como consecuencia directa de uma bem entendida disciplina.

Não só pelo trabalho que nos occupa mas pelo desenvolvimento surpreendente que está tomando esse processo de ensino, (conferencias) consignamos aqui a nossa justificada satisfação.

Explosivos e suas applicações militares

No nosso n.º 64, do anno corrente, noticiamos ter recebido o primeiro volume de um trabalho que sob o titulo acima publicou o Ilustrado professor da Escola Militar Major Dr. Salvador Barbalho Uchôa Cavalcanti.

O conhecido mestre promete reunir em 3 volumes as lições que professa, prestando assim um relevantissimo serviço ao nosso ensino militar.

O volume que já conhecemos constitue a 1.ª parte da obra «Estudo Geral dos Explosivos».

Attendendo ao programma escolar, o autor limitou o desenvolvimento da materia com invejavel felicidade, compilando dos innumeros e mais reputados especialistas os assumptos que reconheceu mais necessarios e os alinhando com um methodo que se impõe.

Mas o livro do Major Uchôa não se confunde com qualquer dos seus congenerees. A clareza da sua linguagem e a preocupação de ensinar, nelle transformam a materia difficil e sem attractivos theoricos em uma leitura agradável onde com attenção não se encontram duvidas.

O livro do Major Uchôa não tem só interesse didactico. Apesar de fundamentalmente theorico elle intercala de vez em quando certos ensinamentos praticos que interessam mesmo aos profissionaes.

O Major Uchôa produziu um trabalho verdadeiramente util que muito o recommenda e que serve de exemplo porque mostra o resultado a que podem chegar todos os estudiosos, inteiramente dedicados á sua missão.

Já sabiamos através de diversas opiniões, bem insuspeitas, que o professor Uchôa melhorava de anno para anno e, o que é mais interessante e logico, de anno para anno aperfeiçoava o lado experimental da sua aula emquanto reduzia ás minimas proporções as exigencias theoricas. Sabiamos que S. S. passára algum tempo na fabrica de polvora do Piquete e nella verificára conscienciosamente o que era essencial ministrar aos seus alumnos, no tocante ás polvoras sem fumaça que fabricamos, e bastante nos alegrou esse acertado passo, prova de sua intelligencia e justa consecuencia de regulamentos onde não predominou a doutorice enfatuada que pretende ter privilegio do bom senso e que urde opiniões através de infimos detalhes de obra feita pretendendo impedir que os órgãos competentes estudem e regulamentem o que só por vaidade lhe interessa.

Subscrição para as familias das victimas dos "fanaticos" do Contestado.

Dos jornaes do Rio de Janeiro, de 18 e 19 de Setembro:

«A redacção d'«A Defeza Nacional» pede-nos tornemos publico que da subscrição aberta por essa revista em favor das familias de officiaes e praças victimas dos fanaticos do Contestado, ainda restam cêrca de sete contos de reis, a que deseja dar destino, ao mais tardar até 24 de Maio proximo futuro.

E pede mais uma vez a todos quantos saibam de familias nas condições de serem

contempladas na distribuição lhe mandem noticias precisas a respeito ou dêem sciencia deste aviso aos interessados. Mesmo as que já tenham sido beneficiadas podem novamente concorrer sem prejuizo de outras. Cartas á Redacção na Rua de Quitanda 74 ou Caixa Postal 1602.»

Pedimos a nossos representantes obtenham a reproducção deste aviso na imprensa local e que especialmente se incumbam de encaminhar as informações que venham a ter.

EXPEDIENTE

Com o n.º 64 a nossa edição passou a ser de 2.000 exemplares. Para augmental-a **precisamos de assignantes...**

Especialmente aos Srs. cdtes. de baterias de obúzes avisamos que estamos tirando em separado a «nomenclatura» cuja publicação iniciamos no n. 64. Custarão cada 4 paginas 200 Rs.

O grupo mantenedor resolveu em sua sessão de setembro ultimo a abertura de um „**livro de ouro**” para seus assignantes, representantes e mais collaboradores benemeritos e de um „**livro negro**” para os assignantes e representantes que tenham dado prejuizo á revista.

Com o proximo numero será mudada a côr da capa.

MEMORANDUM

1—Não esquecer de **pagar adiantado** o semestre da assignatura. Considera-se como adiantado o pagamento feito o mais tardar até ao segundo mez.

2—Sempre que mudar a côr da capa da revista perguntar a si mesmo:

Já paguei o novo semestre ?

3—Não fazer encommenda de publicações si não com o pagamento e quantitativo para porte e registro. Não ter pena de orçar para mais

essa despesa, pois o excedente será creditado.

4—As assignaturas podem começar a qualquer tempo mas hão de terminar com um numero multiplo de seis, isto é, em Março ou Setembro. Calcular o custo dos **numeros de semestre quebrado** proporcionalmente ao do semestre completo.

5—Communicar sem demora qualquer alteração de endereço (principalmente os representantes!). Não adiar qualquer reclamação!

MATERIA PARA O N. 67

Projecto de lei e promoções
A 2ª parte do R. E I.
O Problema geral da Defeza de Costas
Armazens Militares
Diversas continuacões, e outros

Daltro Filho.
Mario Travassos.
1º Tte E. W. Barreto.
Tte. Int. Jayme Faria.

Representantes da "A DEFEZA NACIONAL"

No Rio de Janeiro

M. G. — Cap. Arnaldo D. Vieira.
E. M. do Ex. — 1.º Ten. Mario P. Guedes.
Armada — Cap. Corveta F. Villar.
2.ª Linha — Cap. Mario L. de Carvalho.
D. A. — Coronel Príncipe.
3.ª D. — 2.º Ten. Columbano Pereira.
2.ª D. — 1.º Tenente M. Daltro Filho.
Br. Pol. — Cap. Antonio Abilio Dias.
1.º R. I. — 2.º Ten. Maciel da Costa.
2.º R. I. — 1.º Ten. Octaviano Gonçalves.
3.º R. I. — Cap. Dr. Alves Cerqueira.
52.º Caç. — 1.º Ten. Mario A. do Nascimento.
54.º B. Caç. — 1.º Ten. Dr. Goes Monteiro.
55.º Caç. — 2.º Ten. Telmo A. Borba.
56.º Caç. — 1.º Ten. Carlos S. do Lago.
58.º Caç. — Ten. Roberto D. Santiago.
1.ª Cia. Metr. — Cap. A. Alencastre.
5.ª Cia. Metr. — Ten. O. Verney Campello

1.º R. C. — Cap. Raymundo Sampaio.
13.º R. C. — 2.º Ten. Simas Enéas.
3.º C. Trem — Tenente Manoel A. C. Batalha.
1.º R. A. — 1.º Ten. Manoel de B. Lins.
6.º R. A. — 1.º Ten. E. Seroa da Motta.
3.º G. Ob. — 1.º Ten. Fiuza de Castro.
20.º G. A. M. — Major Pompeu Loureiro.
Fort. S. Cruz — 2.º Ten. Octavio Cardoso.
Fort. S. João — 1.º Ten. J. F. Monteiro Lima.
Copacabana — 2.º Ten. Waldemar de Aquino.
1.º Bat. Eng. — Major Xavier Moreira.
E. M. — Realengo — Aspirante J. Bina Machado.
Fabr. Realengo. — Cap. Freire de Vasconcellos.
Arsenal — Ten. A. Nunes de Souza F.º.
Direct. de Eng. — Major José Ribeiro Gomes.
3.º Bat. Pol. Meyer — 1.º Tenente Saint Clair de Freitas.
Curso Aperf. Inf.ª — 2.º Ten. Onofre G. de Lima.

Fóra do Rio de Janeiro

6.ª C. Metr. — Rio Claro.
41.º Caç. — 2.º Ten. Eloy da Camara Catão.
43.º Caç. — 1.º Tenente G. Favilla.
45.º B. Caç. — Manãos, 1.º Tte. J. Vidal Pessoa.
46.º Caç. — Fortaleza, 1.º Ten. Roberto M. Malheiros.
47.º Caç. — Belem, 2.º Tenente J. de Oliveira Pimentel. — Suspenso.
51.º Caç. — S. João del Rey, Ten. Edgard de Oliveira.
53.º Caç. — Lorena, Ten. Orlando Pimentel.
57.º Caç. — J. de Fôra, Ten. Pharm. O. Filgueiras.
59.º Caç. — B. Horizonte, Ten. Lima e Silva.
6.º R. I. — Caçapava, Ten. Marius Teixeira Netto.
7.º R. I. — Sta. Maria, Ten. Olympio dos Santos Rosa.
8.º R. I. — Ten. Jocelyn C. F. de Souza.
9.º R. I. — Rio Grande, 1.º Tte. Manoel Jacintho de Almeida.
27.º B. I. — Pelotas, Tte. Omar Azambuja.
10.º R. I. — 2.º Ten. Alcebiades A. de Almeida.
30.º B. I. — S. Leopoldo, 1.º Tte. L. O. Barreto de Almeida.
11.º R. I. — Bahia, 1.º Tte. Alexandrino da Luz.
12.º R. I. — Recife, Cap. Ezequiel Medeiros.
13.º R. I. — Corumbá, Ten.-Cor. J. Heleodoro de Miranda.
2.º R. C. — Castro, Ten. A. Magno de Moraes.
3.º R. C. — Bella Vista, Ten. Adalberto Diniz.
5.º R. C. — S. Luiz G., 1.º Ten. Dr. Leite Velloso.
6.º R. C. — Samborja, Tte. Manoel Grott.
8.º R. C. — Uruguayana, Major Pará da Silveira.
10.º R. C. — D. Pedrito, 1.º Tte. Gabriel P. da Luz.
11.º R. Cav. — Bagé, 2.º Ten. Sylvio Cantão.
12.º R. Cav. — Jaguarão, 1.º Ten. Carlos Pereira da Silva.

14.º R. Cav. — Rio Verde, 1.º Tte. Estacio Gomes de Abreu.
15.º R. Cav. — Sant'Anna, 1.º Ten. José Pinto Barreto.
4.º C. T. — Pindamonhangaba, 1.º Tte. O. M. Tinoco.
5.º C. T. — Rio Pardo, 1.º Ten. Oscar Raphael Jost.
10.º R. A. — Pouso Alegre, Cap. Martins Penha.
4.º G. Ob. — Jundiahy, Tte. Alcio Souto.
5.º G. Ob. — Margem Taquary, 1.º Ten. Argemiro Dornelles.
16.º Grupo. — Ten. Dr. Alexandre Meyer.
18.º Grupo. — Bagé, 1.º Ten. Salvador Obino.
19.º G. A. — Valença, 1.º Ten. Felisberto Leal.
VI Reg. — 1.º Tte. Octacilio de Abreu.
Petropolis — 2.º Ten. Brocardo Bicudo.
Guarn. de Alegrete — Cap. João Silva.
S. Gabriel. — 1.º Ten. Glycerio Gerpe.
Florianopolis — Cap. Eugenio Taulois.
Itajahy — Cap. João da C. Mesquita.
Col. Barbacena — 1.º Ten. José Martins de Arruda.
Coll. P. Alegre. —
Com. da Carta. — Ten. Irineu Trajano.
Escola Naval — Cap. Ten. Mario da Gama e Silva.
II. Reg. — Cap. Julio S. Couceiro.
Santos — 1.º Ten. S. de Mello Cardozo.
Coritiba — 1.º Ten. França Gomes.
Saycan — 1.º Ten. Djalma Cunha.
Fabr. Piquete — 1.º Ten. Espindola do Nascimento.
Fabr. Estrella. — 1.º Ten. Heitor P. de C. Albuquerque.
Arsenal de P. Alegre — 1.º Ten. Graciliano P. da Fontoura.
Brigada Militar — P. Alegre, 1.º T. Travassos Alves.
Força Publica de S. Paulo — Cap. Salvador Moya.
Força Pub. de Matto Grosso — Cap. Firmo J. Rodrigues.

"O grupo mantenedor da A Defeza Nacional reconhece em seus representantes junto aos corpos de tropa, repartições e estabelecimentos militares, merito equivalente ao de seus colaboradores litterarios e o caracter de verdadeiros propagandistas da causa deste órgão, synthetisada em seu titulo." (Art. 1 da Circular n. 6, de 24-5-915.)

O pagamento das assignaturas é adiantado e deve ser effectuado ao mais tardar no segundo mez. Os recibos são expedidos depois do pagamento effectuado. Pagamentos a qualquer representante ou a qualquer dos mantenedores ou a Papellaria Macedo, Rua da Quitanda, 74. Semestre, 5\$000; Anno, 10\$000.